



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 2071/15	DATA: 14/10/2015	
LOCAL: Plenário 4 das Comissões	INÍCIO: 15h17min	TÉRMINO: 18h03min	PÁGINAS: 62

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

MARILÉIA DOS SANTOS (Michael Jackson) - Coordenadora Geral de Futebol Profissional do Ministério do Esporte;
BRUNA BENITES - Capitã licenciada da Seleção Brasileira de Futebol Feminino;
CARLOS ALBERTO DE SOUZA - Presidente da Associação Gaúcha de Futebol Feminino;
DANILO ZERO DOS SANTOS - Diretor de Futebol da Ferroviária Futebol Feminino;
MARCOS PLANELA BARBOSA - Coordenador-Geral de Futebol Feminino do Esporte Clube Pelotas/RS;
CÉLIO LINO DE OLIVEIRA - Técnico de Futebol Feminino da Sociedade Esportiva do Gama.

SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Boa tarde a todos. Nós vamos dar início à nossa audiência pública.

Esta reunião de audiência pública da Comissão do Esporte está sendo realizada em razão da aprovação dos Requerimentos n^{os} 34 e 36/2015, de iniciativa da Deputada Flávia Morais e do Deputado João Derly, que têm como objetivo debater os desafios para criação de equipes femininas de futebol profissional.

Convido, para compor a mesa, a Sra. Mariléia dos Santos, a Michael Jackson, Coordenadora-Geral de Futebol Profissional do Ministério do Esporte. *(Palmas.)*

Convido, para compor a mesa, o Sr. Marco Aurélio Cunha, Coordenador de Futebol Feminino da Confederação Brasileira de Futebol — CBF. *(Palmas.)*

Convido, para fazer parte da mesa, a Sra. Bruna Benites, Capitã licenciada da Seleção Brasileira de Futebol Feminino. *(Palmas.)*

Convido, para fazer parte da mesa, o Sr. Carlos Alberto de Souza, Presidente da Associação Gaúcha de Futebol Feminino. *(Palmas.)*

Convido também, e já está aqui ao meu lado, o nobre amigo Parlamentar Jose Stédile, que é Presidente da Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino. Ele conversou conosco e achamos muito interessante que esse lançamento da Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino acontecesse aqui, na nossa Comissão de Esporte, na nossa audiência pública.

Para melhor organizar os trabalhos e estar igualmente representados, como os demais expositores, convidamos para sentar-se à primeira fileira do plenário, para dar início às apresentações, o Sr. Danilo Zero dos Santos, Diretor de Futebol da Ferroviária Futebol Feminino. *(Palmas.)*

Convido também o Sr. Marcos Planela Barbosa, Coordenador-Geral de Futebol Feminino do Esporte Clube de Pelotas/RS e ex-Auxiliar Técnico da Seleção Brasileira de Futebol Feminino. *(Palmas.)*

Também convidamos, para fazer parte da primeira fileira, o Sr. Célio Lino de Oliveira, Técnico de Futebol Feminino da Sociedade Esportiva do Gama. *(Palmas.)*

Comunico que estão presentes, prestigiando esta audiência pública, as Sras. Regina Célia e Tatiana Mendes, ambas Assessoras da Coordenadora-Geral de Futebol Profissional do Ministério do Esporte.

Obrigado por terem vindo.



Estão presentes também os Srs. Marcelo de Carvalho Gonçalo, Haland Medeiros Guilarde e a Sra. Luciana Leite Santos, Assessores de Imprensa da Sociedade Esportiva do Gama.

Obrigado por terem vindo.

Comunico que o Sr. Rogério Hamam, Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos dos Torcedores do Ministério do Esporte foi convidado para esta audiência, mas não pôde comparecer por motivo de agenda. Ele estará sendo representado pela Sra. Mariléia dos Santos, a Michael Jackson, que já se faz presente.

Comunico também que as Sras. Miraildes Maciel Mota, a Formiga, e Rafaelle Leone Carvalho Souza, ambas são jogadoras de futebol da Seleção Brasileira de Futebol feminino e foram convidadas a participar da audiência pública. Por participarem de competição pela seleção nesta data, não comparecerão, mas estarão representadas pela Sra. Bruna Benites, jogadora e capitã da seleção, que se encontra licenciada, recuperando-se de uma cirurgia. Ela se faz presente.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Elas estão jogando pelo Brasileirão na rodada de hoje.

Por fim, comunico a todos que esta audiência pública está sendo transmitida pelo Portal e-Democracia com *link* disponível na página da Comissão do Esporte no Portal da Câmara. Os internautas participantes poderão dirigir perguntas aos expositores.

Antes de passar às exposições, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública. O convidado deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 10 minutos para as suas preleções, não podendo ser aparteado. Após as exposições, serão abertos os debates.

Os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente e poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da exposição pelo prazo de 3 minutos. Será permitida a réplica de qualquer participante que seja citado durante os debates.

Antes de nós passarmos a palavra aos expositores que já estão aqui à mesa, gostaria de passar a palavra ao nobre Parlamentar Jose Stédile, que irá fazer a



apresentação e o lançamento da Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino. Deputado, é uma honra recebê-lo aqui na nossa Comissão do Esporte nesta tarde de quarta-feira. V.Exa. dispõe do tempo que precisar para fazer a sua exposição. A Casa é vossa.

Peço um microfone sem fio, por favor. *(Pausa.)*

O SR. DEPUTADO JOSE STÉDILE - Boa tarde a todos.

É uma alegria poder estar aqui, Sr. Presidente, Deputado Márcio Marinho. Parabéns pelo vosso trabalho!

Quero saudar todos os convidados, já nominados, e meu amigo Miki Breier, também, que veio do Estado do Rio Grande do Sul, Deputado Estadual, prestigiar este evento.

Nós iríamos realizar o lançamento da Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino e iríamos convidar as mesmas pessoas que estão hoje aqui e que a vossa Comissão convidou. Então nós pensamos no porquê de fazer dois eventos, se nós os convidaríamos novamente. Então, nós decidimos propor à Deputada Flávia Moraes, que era uma das proponentes — S.Exa. acatou —, e, hoje, gentilmente, o Presidente aceitou que nós fizéssemos esse lançamento da Frente.

Qualquer Frente Parlamentar que tenha seu lançamento feito nesta Casa precisa seguir alguns protocolos. Então eu preciso aprovar o estatuto da Frente. Eu vou lê-lo brevemente. Se alguém tiver alguma objeção, nós podemos corrigi-lo ou, se não, aprová-lo.

“Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino

Estatuto

I - Da finalidade e sede

Art. 1º - A Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino, com atuação precípua no âmbito da Câmara dos Deputados e em todo o território nacional, de caráter suprapartidário, com sede nesta Capital Federal, é regida pelo presente estatuto.

Art 2º - A Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino é instituída com o objetivo de valorizar



essa modalidade esportiva, estimular a profissionalização dos atletas, defender investimentos para a categoria e discutir políticas públicas para o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil. São finalidades:

a) procurar, de modo contínuo, o aperfeiçoamento da legislação referente ao esporte, influenciando no processo legislativo a partir das Comissões temáticas nas duas Casas do Congresso Nacional e nas demais Casas Legislativas;

b) acompanhar a política oficial de apoio e incentivos ao desenvolvimento do esporte, em especial ao futebol feminino, manifestando-se quanto aos aspectos mais importantes de sua aplicabilidade;

c) promover debates, simpósios, seminários e outros eventos pertinentes ao desenvolvimento, valorização e fortalecimento da modalidade, divulgando seus resultados;

d) promover o intercâmbio com entes assemelhados dos Parlamentos de outros países, visando à troca, ao registro e à difusão de experiências na área, bem como ao aperfeiçoamento recíproco das respectivas políticas nacionais, regionais e locais de apoio ao futebol feminino.

Art. 3º - A Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino para consecução de seus objetivos poderá:

I - aprovar Requerimentos de Audiência Pública, Requerimentos de Informação e outras iniciativas legislativas que visem a aprofundar o entendimento sobre o tema;

II - organizar seminários, debates e outros eventos que possibilitem tanto o aprofundamento do tema quanto



sua maior divulgação no âmbito do Congresso Nacional e da sociedade brasileira;

III - assessorar os Parlamentares que se filiarem à Frente; e

IV- manter contatos e intercâmbios com outras entidades nacionais de caráter público ou privado que tratem de questões afins.

II — Dos Membros

Art. 4º — A Frente é composta por Parlamentares da Câmara dos Deputados que solicitem sua inscrição.

Parágrafo único. Para integrar a Frente é obrigatório o preenchimento do termo de adesão.

III — Da Coordenação Colegiada

Art. 5º — A coordenação compõe-se de (1) Presidente e cinco (5) Vice- Presidentes, eleitos na data de seu lançamento — é hoje.

§1º Se qualquer membro da coordenação deixar de fazer parte ou renunciar ao cargo, a própria coordenação escolherá seu sucessor.

§2º A convocação da Frente será feita pelo Presidente ou por decisão da maioria de seus membros.

IV — Da Competência

Art 6º-. Compete à Coordenação Colegiada:

- a) organizar o programa de atividades da Frente;*
- b) constituir delegação;*
- c) examinar estudos, pareceres, teses e trabalhos que possam subsidiar suas atividades;*
- d) propor a admissão de novos membros; e*
- e) resolver os casos omissos neste estatuto.*

V — Das Disposições Gerais e Transitórias

Art 7º - Após a aprovação do presente estatuto, deverão ser eleitos os membros da Coordenação



Colegiada com mandato até o término da presente Legislatura.

Art 8º - A Frente, com vistas ao alcance de suas finalidades, poderá criar, manter ou participar de entidades e instituições com iguais ou similares finalidades, ouvida a Coordenação Colegiada.

Art 9º - Este estatuto entrará em vigor na data de sua aprovação.”

Então é esta a proposta de estatuto. Este estatuto já existia, porque esta nossa Frente já existia no quadriênio passado.

Então nós botamos em votação o estatuto.

Os Deputados que concordam com a manutenção deste estatuto permaneçam como estão. *(Pausa.)*

Aprovado.

Precisamos aprovar os membros. Como coordenador-geral, a proposta é de continuidade do Deputado Jose Stédile, incluindo a Deputada Flávia Morais, o Deputado João Derly, o Deputado Danrlei de Deus Hinterholz, o Deputado Afonso Hamm e o Deputado Deley. São todos da área. O Deputado Danrlei conhece o Deley *(Riso.)*, do Rio de Janeiro. Esta é a proposta da formação da coordenação. Se algum Deputado quiser também fazer parte, nós podemos incluir. Foram 214 assinaturas de Deputados para esta Frente.

Em votação a composição da coordenação.

Os Deputados que concordam permaneçam como estão. *(Pausa.)*

Está aprovada a Frente Parlamentar.

Eu também, por obrigação legal, deveria ler a ata. Algum Deputado solicita a dispensa da leitura da ata?

O SR. DEPUTADO DANRLEI DE DEUS HINTERHOLZ - Eu solicito, Deputado, a dispensa da leitura.

O SR. DEPUTADO JOSE STÉDILE - Em votação o pedido de dispensa da leitura.

Os Deputados que concordam permaneçam como estão. *(Pausa.)*

Foi dispensada a leitura da ata.



Então era isso, Sr. Presidente. Eu só quero agradecer a oportunidade de nós fazermos este ato oficial.

Quero dizer que nós temos um projeto que nós achamos muito importante para o futebol feminino. Foi o primeiro projeto que eu fiz no meu mandato, proposto pelo Planela, que é o técnico do Pelotas, no Rio Grande do Sul. Pensamos e trabalhamos juntos na ideia de que, a cada financiamento público para clubes de futebol masculino do Brasil que tenha participação de bancos e entidades públicas, 5% do valor sejam destinados ao futebol feminino. Pelos cálculos que nós temos, garantiríamos um grande campeonato nacional e grandes campeonatos estaduais, apenas com pequeno recurso. Aí podem dizer: *“Ah, mas os clubes vão ficar... vão ser contra!”*

As empresas, por exemplo, o Banco do Brasil está dando 500 milhões para um clube. Se quiser manter os 500 milhões, pode mantê-los, mas tem que passar também 5% desse valor, que são 25 milhões, para o futebol feminino. Se quiser mantê-los, mas pode retirar dos 500 também.

Então, é esta a proposta. Está havendo certa polêmica em relação a esta proposta, não com relação aos valores, aos 5%, porque alguns clubes, os clubes que recebem o patrocínio querem que conste na lei que esses 5% sejam destinados ao patrocínio que eles recebem.

Por exemplo, se o Flamengo recebe patrocínio da Caixa Econômica Federal, que o Flamengo receba os 5%. E nós somos contrários a isso, porque se o Flamengo não está investindo no futebol feminino agora, não merece ter o reconhecimento de receber os 5%.

E vamos trabalhar para que cada Estado tenha a sua Associação de Futebol Feminino com a Federação Nacional e que, de fato, a gente invista em quem quer trabalhar com futebol feminino, e não com os clubes que só querem se aproveitar. Por que quem garante que esses grandes clubes vão fazer, de fato, esse investimento no futebol feminino? Se, com toda a estrutura que têm, nunca fizeram, não será agora!

Então, não mudaremos o projeto, ele vai à votação! E esperamos que seja aprovado o mais breve possível para que os nossos campeonatos tenham mais recursos sem mexer na estrutura do futebol masculino. Era isso.



Muito obrigado, Sr. Presidente. Agradeço a votação e a atenção de todos.
(Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Esta Comissão agradece, Deputado Jose Stédile, porque eu tenho a certeza de que esta Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino vem num momento muito importante e de que teremos pela frente muitos trabalhos nesta Comissão, até para fazer a pressão necessária para a aprovação deste projeto de V.Exa. aqui nesta Casa, onde tudo é na base da pressão.

Então, quero parabenizar V.Exa. pela criação dessa Frente Parlamentar e a sua instalação na tarde de hoje.

Muito obrigado.

Já se faz presente aqui também na nossa Comissão a esportista Lana Miranda, campeã mundial de futevôlei. Obrigado pela presença! (Palmas.)

Passo a palavra a Sra. Mariléia dos Santos (Michael Jackson) para fazer a sua exposição pelo tempo de 10 minutos. Se quiser ficar sentada ou em pé, fique à vontade porque a Casa é sua!

A SRA. MARILÉIA DOS SANTOS - Muito obrigada. Boa tarde a todos! Eu quero agradecer a esta Frente Parlamentar, que está aí também lutando pelo futebol feminino. O futebol feminino agradece porque nós chegamos a um ponto em que merecemos e não temos que provar mais nada para ninguém.

A nossa Seleção sempre esteve entre as quatro maiores seleções do mundo sem um campeonato de base! Então, com certeza, com este apoio, o nosso futebol feminino só tende a crescer! Muito obrigada.

Hoje, aqui, é um dia muito especial para o futebol feminino. Eu agradeço por esta Casa apoiar esta modalidade! Eu me emociono quando eu falo do futebol feminino, o qual eu defendi por 30 anos!

Quando eu parei de jogar, não tive uma aposentadoria — eu defendi meu País durante 12 anos na Seleção Brasileira! Graças a Deus, eu, com o meu trabalho, jogando fora do País, eu consegui a minha independência financeira, mas muitas se perderam no caminho! E isso não é justo para o País do Futebol!



Então, eu espero que, num futuro bem próximo, a nova geração que está aí não passe por dificuldades e consiga que realmente o futebol feminino seja realidade no Brasil, porque o esporte é um direito de todos.

E parabéns às mulheres que sabem jogar futebol, porque jogar futebol não é fácil. É um dom. Quem o tem, tem; e quem não tem, não adianta treinar. Os treinamentos não vão fazer diferença.

Hoje, no Brasil, há uma geração de meninas de 10, 11 anos que querem praticar a modalidade, mas não têm um lugar onde praticá-la. Às vezes, os pais ligam para o Ministério do Esporte perguntando “*Michael Jackson, onde eu posso colocar a minha filha?*”. E eu não tenho um lugar aonde encaminhá-los. É triste essa realidade no País do futebol.

Mas, por outro lado, nós já saímos da estaca zero. Nós já começamos a subir a escada. Hoje, como Coordenadora-Geral de Futebol Profissional do Ministério do Esporte, nós organizamos uma competição sub-17 escolar e uma competição adulta universitária. Este ano, vamos organizar também uma competição de futsal. Então, nós não estamos mais na estaca zero. E eu agradeço muito a todos os envolvidos e aos que estão olhando para o futebol feminino.

O futebol feminino é uma modalidade olímpica. Haverá uma olimpíada ano que vem em casa. Eu tenho certeza de que todos irão torcer para o Brasil em qualquer esporte. Nós não queremos perder para ninguém. E nós do futebol feminino estamos cansadas de perder para os Estados Unidos, que no futebol feminino é o bicho-papão. Mas o Brasil só está nessa situação hoje, porque não tem base. As competições duram 6 meses. E o ideal seria que elas durassem 10 meses, 11 meses.

Então, nós estamos trabalhando bastante no Ministério. E tenho certeza de que, na minha coordenação, o que puder ser feito será feito. Mas nós também temos consciência de que só o Ministério não resolve o problema. É preciso que a Confederação, federações, associações, ligas, Parlamentares, todos estejam envolvidos no objetivo maior, que é fazer com que o futebol feminino seja uma realidade. É necessário que os jogos sejam transmitidos. A mídia tem que fazer a sua parte também. Ela tem que apoiar o futebol feminino.



Eu tenho certeza de que, na direção que estamos tomando, o futebol feminino chegará a excelência. Eu vejo que já mudamos, mas ainda temos muito que trabalhar. O desafio, hoje, é a criação de equipes de futebol feminino profissional, que não é fácil, mas nós temos que ter coragem para encarar esse desafio. Quando eu era atleta meu desafio era todos os dias. Eu sempre tinha uma sombra. Se eu não tivesse bem, ela ia tomar o meu lugar. Eu falei: *“Opa, aqui não. Aqui é a Michael Jackson e ponto.”* Então eu consegui ser atacante da Seleção Brasileira durante 12 anos. A camisa já saia da fábrica com o nome Michael Jackson.

Hoje nós crescemos bastante. Fiz durante a minha carreira “só” 1.574 gols. Romário me perdoe. Ele ficou para trás. *(Riso)* Essas foram coisas que eu consegui por amor ao esporte. Eu fiz 50% da minha vida no futebol feminino. Agora, os outros 50%, eu quero fazê-los fora de campo, fora das quatro linhas.

No cargo que eu ocupo hoje, eu posso fazer muita coisa em prol da modalidade, e o faço com o maior amor, não por obrigação. Eu faço porque eu gosto. Às vezes eu trabalho em feriado, sábado, domingo, isso para mim é normal. Eu fico das 9 horas às 17 horas num campo de futebol, mas eu fico porque eu gosto. Quem faz esse tipo de coisa tem que gostar, porque quem não gosta não fica.

Através da Lei de Incentivo ao Esporte vai ser construído o primeiro centro de excelência do futebol feminino em Foz do Iguaçu. Esse projeto já foi aprovado pela Lei do Incentivo ao Esporte e está em fase de captação. No centro de excelência, o futebol feminino será o carro-chefe, mas teremos outras modalidades, como o futsal, o basquete, o vôlei, a natação, o atletismo, até que um dia, quem sabe, num futuro próximo, consigamos fazer desse centro de excelência uma vila, onde todos os esportes estejam lá. Esse é o objetivo. Nós precisamos começar a subir esse degrau e começamos.

Tenho certeza que esse centro de excelência será concluído, nós vamos construí-lo. Esse é o primeiro. Espero que seja o primeiro da América Latina e que tenhamos outros. Este é o primeiro passo: nós precisamos fazer o primeiro. Depois os outros vão acontecer normalmente.

Eu tenho uma sobrinha de 4 anos. Ela adora jogar futebol! Ela olha para a minha cara e fala assim: *“Tia, dê para mim uma bola.”* Tia, dê para mim uma chuteira.” Só que os pais não querem deixá-la jogar: *“ Ah, futebol feminino não tem*



futuro. Você não vai jogar futebol feminino. Vamos fazer outra coisa.” Eu falo: “Como você pode querer matar um sonho de uma criança? Hoje ela gosta, e eu tenho certeza de que no futuro ela vai continuar gostando, porque está no sangue. Não é que alguém a obrigue, ela gosta!

Eu tive um exemplo aqui em Brasília que foi muito interessante. A Daniela que trabalha comigo no Ministério tem uma filha que tem 6 anos. A filha dela adora jogar futebol. Houve um dia que ela chegou a casa e falou: *“Mãe, não quero mais ir para a escola.”* A mãe perguntou: *“Emily, por que você não quer ir para a escola?”* Ela falou: *“Porque, na hora da brincadeira, eles falam que os meninos vão jogar futebol, e as meninas vão desenhar.”* Ela chegou e me contou isso. Eu falei: *“Você vá a escola e pergunte o porquê. Por que a sua filha não pode jogar futebol, se ela gosta? Por que ela tem que desenhar?”* Ela foi à escola e questionou a diretora. A diretora respondeu que não deixava a Emily jogar futebol, porque achava que ela poderia se machucar.

A criança por si só se defende. Os pais não precisam ter medo, porque as crianças, quando praticam o esporte de que gostam, pedem para os pais levá-las aos locais onde possam praticá-lo. Quando não gostam, não adianta, elas não querem ir.

Então, desse nosso debate hoje, dessa troca de ideias pela qual estamos aqui reunidos, eu espero que realmente nós achemos este fio da meada: como fazer para que os clubes tenham as suas equipes de futebol profissional?

Hoje no Brasil, nós temos um clube que realmente se comporta como profissional, que é o Santos Futebol Clube. Todas as atletas do Santos têm a carteira assinada, têm o registro na CBF como profissionais. Esse foi um grande passo e é esse o modelo que nós temos de copiar.

Nós estamos aqui hoje a fim de trocar essas ideias, para que consigamos realmente achar o caminho para o futebol feminino realmente virar realidade e para que todos, felizes, torçam por essa modalidade olímpica, que é tão linda e representa o nosso País.

Muito obrigada. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Michael Jackson, pela exposição.



O Deputado Jose Stédile está nos cedendo o espaço para nós convidarmos a Deputada Flávia Moraes para fazer parte aqui da Mesa, já que S.Exa. foi proponente do requerimento que nos deu a oportunidade para estarmos nesta tarde realizando esta audiência pública.

Com a palavra neste momento o Sr. Marco Aurélio Cunha, pelo tempo de 10 minutos.

Se quiser fazer a sua exposição sentado à mesa ou em pé, com o microfone sem fio, fique à vontade. Esta Comissão agradece a sua presença aqui.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Muito obrigado.

Primeiro, boa tarde a todos.

Sr. Presidente, Márcio Marinho, Deputada Flávia, muito obrigado pelo convite. É sempre importante podermos falar um pouquinho da nossa experiência desportista na presença de figuras ilustres que comandam a política nacional e encontrar amigos do esporte, como encontrei informalmente.

Não vou chamá-los de Deputado, mas o Roman, Danrlei, Goulart são companheiros de campo de futebol, companheiros de Plenário da Câmara Municipal de São Paulo, onde eu fiquei como Vereador por dois mandatos. Informalmente, eu sempre vejo a Camila trabalhando pelo futebol feminino, a Alana. Enfim, são tantas pessoas que contribuem e dão um pouco ou muito do seu tempo ao futebol feminino.

Cumprimento a Mesa. Não preciso nem falar da Michael Jackson, companheira de luta, agora mais recente comigo, mas há muitos anos na sua vida esportiva.

Queria agradecer também o Deputado Jose Stédile. Obrigado, Deputado. Eu acho que a sua proposta é excelente. Em relação à forma de fazer a distribuição disso no campeonato, gostaria de sugerir que o senhor pudesse talvez também incluir a formação de jogadores. Nós sempre estamos falando muito do fim. O fim é o campeonato, o fim é a seleção brasileira, o fim são os grandes eventos.

Eu aproveito essa fala para começar em função do seu projeto, da sua Frente Parlamentar. Nós só podemos agradecer. É que sempre estamos preocupados com as competições, que são absolutamente necessárias, mas deixamos de ter outras preocupações, como a Michael Jackson acabou de falar desse centro de excelência



que será em Foz do Iguaçu e de alguns centros que nós da Confederação Brasileira de Futebol queremos incentivar com o legado da Copa do Mundo. Haverá um percentual difícil até de ser interpretado por conta de impostos e tudo o mais para o futebol feminino.

A minha experiência, nesse período que estou coordenando o futebol feminino da CBF, me leva a tratá-lo, primeiro, como um produto. Vou falar dessa forma, hoje o mercado se impõe em relação a patrocínios, pautas, mídias. O mercado não o descobriu aqui no Brasil, mas, fora do País, o futebol feminino é uma febre positiva, uma febre de interesses.

Recentemente, a seleção brasileira foi jogar na França um amistoso, na cidade de Le Havre, na Normandia, no norte da França, num estádio de 25 mil pessoas lotado, com a maior divulgação possível, com a torcida — crianças, mulheres e homens — incentivando o seu país, a França no caso, nesse jogo contra nós. Perdemos de 2 a 1, fizemos uma ótima partida, independente da superioridade ainda da França em relação à nossa seleção.

O futebol feminino na França é visto com total diferença do Brasil, total diferença! É um produto importante, um investimento importante, com campeonatos mais facilitados pelo menor tamanho geográfico da França, pela maior facilidade de locomoção e por conta da infraestrutura.

Nós temos muita dificuldade nisso ainda. Somos um país continental que temos pontos distantes de formação de meninas e de futebol feminino. Por exemplo, nós temos Foz do Iguaçu; nós temos, na cidade de Caçador, o Kindermann; nós temos o Caucaia no Ceará; nós temos o Botafogo da Paraíba hoje jogando entre os 8 melhores do Brasil; a Ferroviária de Araraquara, com um grande incentivo público, fazendo um belíssimo trabalho; São José, que já foi campeão mundial e vai disputar a Libertadores feminina. Então, nós temos em lugares distantes e diferentes... em Manaus, nós temos uma equipe de futebol feminino que disputa o campeonato brasileiro; o Goiás, enfim, temos vários lugares em que ele é desenvolvido.

Agora, como unir todos esses pontos? Quanto custa fazer um campeonato de longo tempo, tendo que cruzar o País? Quando fazemos disputas regionais, desequilibramos porque, obviamente, a frente de maior capacidade é o Sudeste, portanto, a maior força técnica está no Sudeste, mas não podemos deixar de fazer



com que o Tiradentes do Piauí dispute uma competição, o time está praticamente dependendo só de um resultado para se classificar entre os 4 melhores do País no Brasileirão Caixa, que nós teremos a conclusão no dia 15 de novembro.

A disseminação do futebol feminino tem ocorrido em lugares mais distantes, com situação econômica completamente diferente. Essa é a nossa dificuldade, em um País enorme, economicamente nós juntarmos esses times em um campeonato de longa duração sem ser regionalizados, porque as diferenças técnicas são muito claras. Evidentemente, o investimento para fazer todos esses campeonatos passa a ser bastante difícil.

A Michael falou muito bem. O Santos Futebol Clube, do Presidente Modesto Roma, é a única equipe que dá estabilidade de emprego para suas atletas, com contratos de 1 ou 2 anos para disputar um campeonato de dura 2 ou 3 meses. Essa é outra dificuldade.

A nossa mídia nacional ainda não percebeu a relevância que o futebol feminino poderá ter na grade de programação. Felizmente, através do nosso contato, da insistência, já estamos com rede de TV fechada e, eventualmente, uma aberta interessadas em transmitir o campeonato.

Nós só vamos conseguir inspirar as crianças vendo, evidentemente, grandes personagens jogando futebol. Nós perdemos o tempo da Michael Jackson, perdemos o tempo da Marta, sem fazer uma grande influência.

Eu acho que o futebol feminino teve um grande problema de comunicação. A comunicação não excedeu a ponto de poder inspirar, de o mercado aceitar o futebol feminino, de o preconceito ser quebrado.

Ele está sendo quebrado gradativamente, felizmente. Hoje nós já estamos tendo muito mais facilidade de compreensão dentro das famílias. Veja bem, dentro da família de uma das maiores atletas do País houve dificuldade de aceitação.

Eu nem diria — não de uma forma equivocada — que isso não pode dar futuro. O esporte não é para dar futuro econômico, o esporte é para desenvolvimento físico, coordenação, agilidade, trabalhar em grupo, lazer. Há 37 o esporte está enraizado para a gente exatamente exercê-lo, eu sou médico do Esporte, sou ortopedista, faço isso há 37 anos.



O esporte não é para virar profissão, o esporte, antes de tudo, é para fazer comunhão de pessoas, para fazer com que as pessoas desenvolvam o seu físico, a sua coordenação, o seu companheirismo, trabalhem as rivalidades, compreendam o perder e o ganhar; não para é pensar que vai ser jogador ou jogadora de futebol, ou de basquete, ou de vôlei.

O esporte tem que estar incluído no currículo escolar, e nós arreventamos o nosso currículo escolar quando a Educação Física deixou de ser disciplina obrigatória, evidentemente, as grandes cidades substituindo terrenos que eram para a prática do esporte por novos edifícios, por novas salas de aula. E nós assistimos a tudo isso e não fizemos nada.

Como é que você vai apresentar para uma criança um esporte se ela nunca viu nada? Então, eu tenho a certeza de que nós devemos ter grandes jogadores de beisebol no Brasil, mas nunca apresentamos o beisebol a elas, é óbvio que elas não serão jogadoras!

Como a Michael Jackson disse, o dom, a capacidade que está guardada naquele DNA precisa de estímulo, ela precisa ser exercitada, e se a escola não oferece Educação Física, como nós vamos fazer? No caso das mulheres, é mais difícil, porque ainda não aprendemos a jogar com meninos e meninas.

Eu morei no Japão por 2 anos trabalhando como médico de futebol e vi, rotineiramente, crianças jogando entre si: meninos e meninas. Até porque, na idade de 6, 7, 8, até 12 anos, os físicos são idênticos, após a puberdade é que há diferença física de força, de definições de caracteres sexuais secundários, enfim, as meninas e os meninos jogam absolutamente de forma igual.

Você vai a uma festa, a uma dessas festinhas de crianças, num *buffet* e tal, elas estão correndo e brincando entre si. Por que não dar uma bola para elas, por que elas têm que ficar à parte do futebol? Isso é preconceito, é falta, claro, está enraizado na nossa cultura, não é só o preconceito, de hábito, o hábito sobre o qual se questionou: a menina faz *ballet* e o menino joga futebol.

E é isso que nós temos que mudar na educação! Não adianta eu querer fazer uma seleção forte — e temos uma Seleção forte! —, eu fazer sub-20, sub-17, sub-15, se as meninas chegam a nós com 14 anos para jogar futebol, sendo que, nos Estados Unidos, elas estão jogando desde os 8, 7!



Você faça a roda do futebol masculino no Brasil: é a do feminino nos Estados Unidos, na Itália, na Inglaterra, na França, na Dinamarca, que são os grandes países! No Japão, eu acho que já o citei! Então, os países mais desenvolvidos socioeconomicamente entendem que meninas e meninos trabalham juntos e dão oportunidade a isso, existem campos para trabalhar, bolas, mesmo nos países com inverno muito forte.

A Islândia tem futebol feminino! Nós temos uma atleta jogando na Islândia, a Poliana, vocês imaginem o clima da Islândia, e jogam futebol! Nós estivemos agora no Mundial Feminino no Canadá e retornamos aos Jogos Pan-Americanos do Canadá, eu vi nas escolas, na Universidade de Hamilton, onde nós ficamos hospedados, o tempo todo meninas jogando futebol com técnicas, com professores, com outros meninos.

Então, nós temos que estimular a modalidade na essência, no nascedouro, porque nós não vamos ter atletas com 15 anos, elas perderam 7 anos de atividade física, e isso é a escola que pode oferecer: a pública e a privada! É essa a nossa grande dificuldade: disseminar uma cultura em que meninos e meninas possam jogar juntos.

No Japão, eu me lembro de fazer futebol misto em que as meninas eram maioria, era futebol de quadra menor, futebol de 6. Eram 4 meninas e 2 meninos, sendo que os meninos não podiam fazer o gol, eles construíam as jogadas para as meninas. Era superinteressante!

Então, você via a marcação, via o jogo, e elas faziam a definição. Era uma maneira de estimular as meninas a fazerem gols, a gostarem do futebol. Então, eu acho que falta realmente metodologia, falta incentivo, falta iniciar o futebol feminino realmente na base!

Por isso, falo ao Deputado que pense bem na questão dos campeonatos, porque eles são ótimos, mas nós temos que começar a construir atletas de futebol feminino pelo dom e pela oportunidade, porque sem oportunidade não vai adiantar.

Hoje, a CBF faz um trabalho que eu nunca vi anteriormente, acho que a Michael Jackson é testemunha, há uma seleção permanente que nos deu o Pan-Americanos. O que havia? Havia uma diferença de capacitação física enorme entre as nossas jogadoras e as jogadoras americanas, japonesas e europeias, porque lá



se pratica o tempo todo, com alta intensidade, com grandes profissionais, e nós aqui estamos com clubes com pouca estrutura e com o número de treinos muito baixo. Quando elas chegavam à seleção brasileira, elas já chegavam com diferenças muito grandes de capacidade física. Essa era a grande dificuldade.

Nós tivemos um apogeu do futebol feminino, quando as grandes escolas de hoje ainda não tinham esse nível, a formação de jogadoras fez com que os Estados Unidos se tornasse o país mais poderoso em futebol feminino, o Japão, talvez, o segundo, a França e a Alemanha, todos juntos, não tem nenhum melhor, são os quatro principais. Nós ficamos para trás, porque exatamente não acompanhamos essa evolução educacional do futebol feminino mundial.

Com isso, nós tivemos que correr atrás, apesar de a Marta ser por cinco vezes a melhor jogadora de futebol do mundo, em conjunto, eles nos ultrapassaram, por quê? Por conta de um trabalho bem feito.

A CBF resolveu, então, correr atrás desse prejuízo formando uma seleção permanente com muitas contradições, é boa, mas os clubes não estão acompanhando isso, alegam que ficando muito tempo numa seleção permanente se pode restringir o número exato de participantes e levar a uma acomodação.

O resultado é que nós conseguimos ser competitivos, fomos ao mundial, perdemos uma partida incrível por 1 a 0, aos 34 minutos do segundo tempo, num contra-ataque, mas jogamos melhor o tempo todo, fomos eliminados pela Austrália, talvez, pela grande goleira que a Austrália tem.

Voltamos ao Brasil, eu disse na CBF: precisamos mudar alguma coisa? Nada! Perdemos um campeonato, ganhamos um trabalho. Fomos ao Pan-Americanos com essa mesma equipe, ajustada, fizemos 5 partidas com 5 vitórias, vencendo a final com a Colômbia por 4 a 0, onde a força e a capacidade física ficaram muito claras para mim em 2 momentos: um gol olímpico da Maurine, que sai do banco e vai fazer um lance, a coisa mais difícil para um atleta é sair do banco para definir uma partida, até o Zico saiu do banco para bater um pênalti contra a seleção da França e não foi feliz, imagine bater um escanteio. Ela bateu um escanteio, a bola fez uma parábola maravilhosa, e fez o gol. Aos 47 minutos do segundo tempo, a Fabiana conseguiu numa jogada, saindo do lado direito para o meio, ao receber a bola da intermediária, acertar um chute na gaveta.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Marco, eu precisava que o senhor pudesse encerrar, porque já passaram mais de 15 minutos.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Claro! Só para entender, vou falar o que melhorou, foi a capacidade das meninas. O que melhorou foi a formação de uma seleção que inspira novas jogadoras.

Recentemente, um campeonato brasileiro com *draft*, onde escolhemos, por sorteio, 2 atletas para cada time, 4 times receberam 3 atletas desta seleção brasileira para haver um equilíbrio no campeonato a ponto de o Tiradentes, do Piauí, estar podendo se classificar entre os 4 melhores.

Então, acho que o problema é estrutural, é de base, temos que fazer uma formação desde a infância, e aí, sim, com grandes campeonatos e uma boa seleção, um futebol feminino melhor.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Sr. Marco Aurélio, pela sua exposição.

Seguindo a ordem dos oradores, tem a palavra a Bruna Benites, pelo tempo de 10 minutos.

A SRA. BRUNA BENITES - Primeiramente, boa tarde a todos, é uma honra muito grande fazer parte desta mesa aqui para falar sobre uma coisa que é muito importante, que é o futebol feminino. Eu posso falar, porque é a minha vida, sempre foi, hoje, eu faço parte da seleção brasileira, infelizmente, não estou atuante porque estou me recuperando de uma lesão, mas falar um pouquinho sobre esse tema que é tão importante e também tão delicado eu posso, porque sabemos que o Brasil é o País do futebol, mas, infelizmente, é o País do futebol masculino.

Hoje eu estou muito feliz, porque até então o esforço sempre foi individual, sempre foi por parte de nós atletas, dos dirigentes, que vivem no dia a dia lutando por seus clubes, só que hoje eu pude ver que o nosso esforço se tornar coletivo, e uma prova disso é a aprovação desta Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino.

Eu acho que hoje nós temos um exemplo vivo e ainda atuante, que é, em minha opinião, a melhor jogadora de todos os tempos, a Formiga, que ainda joga futebol. Ela é uma atleta que diz, eu espero que não pare tão cedo, que ano que



vem será a última olimpíada dela, sabemos que ela vai parar de jogar futebol e, infelizmente, não vai poder se aposentar na profissão que exerceu a vida inteira, só de seleção ela tem 20 anos.

Então, ela é uma pessoa que tem que ser respeitada, porque tem uma carreira que fala por si só, e nós que brigamos, que lutamos, que batalhamos no dia a dia pelo futebol feminino sabemos o quanto difícil é.

Eu sou cuiabana, sou mato-grossense de nascimento, e só consegui jogar futebol quando eu saí de lá, infelizmente, porque hoje nós sabemos, como foi falado aqui, que o grande centro é o Sudeste.

Infelizmente, há essa discrepância muito grande, não digo em relação à importância, mas quanto à visibilidade do futebol feminino. Nós temos um País tão grande e que acaba tendo uma desigualdade muito grande em relação aos clubes, ao investimento. Nós temos os clubes lá de cima que hoje se classificaram, que estão na segunda fase do Brasileiro, vemos a diferença nos jogos, há placares elásticos. As pessoas não querem assistir a um jogo de 10 a 0, eu acho que por isso se acaba ficando menos atrativo também.

Isso é uma coisa que só vai mudar quando os olhos começarem a se voltar para essas regiões lá de cima também. Sabemos o quanto é importante essa parte de investimento.

Hoje, nós temos o Brasileiro, temos clube de camisa, eu acho que o clube de camisa, é lógico, é mais atrativo porque já tem os torcedores, então, normalmente, uma pessoa que torce para o São Paulo, para o Flamengo ou para o Corinthians vai torcer para a equipe de futebol feminino, só que acaba havendo um pouco de injustiça com os outros clubes, porque existem clubes que batalham, que estão no futebol feminino, estão na luta há muito tempo e acabam ficando de fora da competição que tem maior visibilidade, que passa na TV, porque não têm o peso da camisa. Isso é uma coisa que eu acho que tem que ser revista.

Então, brigamos dentro de campo, estou muito feliz por vê-los hoje, aqui, brigando fora e por poder fazer parte e dar opinião. Sabemos que isso é só o começo, como foi falado, o trabalho vai ser longo, vai ser árduo, acho que ainda não vai ser a minha geração que vai ver esse resultado, mas espero que ele venha logo.



É muito importante fazer parte do início, então, por mais que o resultado seja em longo prazo, eu acho que o pontapé é o mais importante.

Então, eu não vou me prolongar, estou usando o restante do tempo do Marco Aurélio, fiz o cálculo e estava torcendo para ele passar do tempo para eu encurtar o meu.

É isso. Quero agradecer mais uma vez. Muito obrigada. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Bruna.

Passo a palavra ao nosso amigo Carlos de Sousa.

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA - Boa tarde a todos, Presidente, cumprimentando a V.Exa., cumprimento a todos da mesa. Faço um agradecimento especial ao Deputado Jose Stédile pela oportunidade e pela grande sacada, já que não é voleibol, então, pelo grande golaço, de institucionalizarmos aqui esta Frente Parlamentar para que todas as instituições que buscam a melhoria do futebol feminino somem e façam desta Frente justamente uma visão para que consigamos seguir adiante.

Eu sou Presidente da Associação Gaúcha de Futebol Feminino e eu trouxe aqui um material para podermos rapidinho passar e eu poder trabalhar dentro do tempo. Então, vou levantar.

(Segue-se exibição de imagens.)

A Associação Gaúcha foi fundada em 2010, ela tem um CNPJ, ela foi fundada por 20 clubes. Dos 20 clubes, 14 são filiados à Federação Gaúcha de Futebol. A Presidência, então, o Conselho Executivo é eleito depois que a assembleia geral elege um Conselho Deliberativo, que é formado pelos dirigentes dos clubes. E aí, então, eles elegem o Presidente, e aí, os demais conselhos.

Então, hoje, sou o Presidente. O Prof. Zeca Albuquerque é conhecido do futebol, trabalhou no Grêmio, Inter, Seleção Brasileira, esteve com o Carpegiani na seleção, no Paraguai, aquela seleção que chegou às finais. O Prof. Vicente Campozani, talvez o Danrlei aqui se lembre, trabalhou no Grêmio, foi preparador de goleiros, o Prof. Vicente Campozani, lá. E temos as colegas da Educação Física, Profa. Camila, e a Profa. Letícia. As duas são coordenadoras técnicas, estão se formando em Educação Física agora, no final do ano.



Aqui são os locais do Rio Grande do Sul onde as equipes deste ano, o nosso campeonato, este ano, teve 14 equipes disputando. Infelizmente, nenhuma delas tem oportunidade de jogar o campeonato brasileiro, justamente porque os critérios, eles ainda não atingem exatamente isso que a Bruna comentou. Nós temos equipes jogando lá, há 10 anos que a gente vem realizando esse campeonato, em parceria com a Federação. A Federação reconhece e chancela a Associação Gaúcha de Futebol Feminino como a diretriz do futebol feminino no Estado do Rio Grande do Sul, e, infelizmente, a gente não consegue, porque nem Grêmio, nem Inter têm a ideia de desenvolver os seus plantéis de futebol feminino. E pelo critério, na segunda divisão, este ano, talvez, o Rio Grande do Sul tenha o nosso glorioso Brasil de Pelotas, se passar. Se não, infelizmente, a gente já esteve conversando sobre isso. O Presidente Novelletto esteve conversando com o senhor sobre isso, que a gente acha uma injustiça, realmente, esse pessoal que trabalha na base, batalha o ano todo para quando chega o campeonato da visibilidade, não vai.

Aqui são as entidades associadas, todas: Erechim, Tapejara, Pelotas, Rio Grande, Arambaré, Guaíba, Porto Alegre, Cachoeirinha, Canoas, Sapucaia, Nova Santa Rita, Ijuí, Santo Ângelo, Parobé, Capão da Canoa, Porto Alegre, Gravataí, Alvorada e Alegrete. Todas as equipes dessas 14, como eu falei, são filiadas à Associação.

Nós já fizemos algumas ações, tentando valorizar essas meninas. Então, nós fizemos a Seleção Gaúcha de Futebol Feminino. É um projeto que nós conseguimos com o apoio da Kagiva.

Também discutimos aqui, em umas outras vezes, essa questão do futebol feminino. Então, fizemos alguns eventos, um curso de arbitragem para futebol feminino que é bem isto, Marco Aurélio: característica de quem joga futebol feminino não passa só por quem está dentro do campo; passa pelas pessoas entenderem e respeitarem a mulher jogando futebol.

Então, a gente fez, em parceria com o Sindicato dos Árbitros, esse primeiro.

(Não identificado) - Com mulheres?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA - Com mulheres.

(Não identificado) - Árbitros mulheres.



O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA - Sim, era, naquela época, isso aqui foi em 2010. Nós vimos que os árbitros que estavam indo apitar, indicados pelo Sindicato, não estavam tendo o devido reconhecimento, nem respeito. Então, nós resolvemos fazer esse evento, esse curso, para que eles entendessem a especificidade. René Simões foi quem nos deu um apoio nisso, para que os árbitros entendessem essa questão da mulher em campo.

Aí nós começamos a discutir perspectiva do futebol feminino no Brasil. Tivemos a ideia de fazer o 1º Fórum Brasileiro — já vínhamos discutindo isso aí — onde então, a Dra. Terezinha Irigaray, primeira mulher que é Presidente da Comissão de Disciplina na Federação Gaúcha de Futebol, pôde também nos auxiliar. O René Simões foi falar sobre o trabalho belíssimo dele na Seleção Brasileira — acho que tu estavas junto — a Medalha de Prata; o Benno Becker Júnior, enfim. Fizemos essa discussão. Depois, fizemos o 2º Fórum. Isso tudo sem muito apoio. A Federação Gaúcha de Futebol dá a chancela, mas não dá o dinheiro. E a gente foi buscar parecerias. Fizemos o 2º Fórum Brasileiro já pensando no mercado de trabalho, justamente, não é? Essas ex-atletas, esse pessoal que termina, onde é que vai trabalhar? O que precisa? Qualificar. Futebol feminino só vai qualificar se tiver profissionalismo também nos profissionais e na forma de trabalhar.

Então, nós propusemos esse 2º Fórum. Nós tivemos a presença do Olavo Dantas, de Manaus, tivemos a presença do seu Salézio Kindermann, que são exemplos de trabalho também. Tivemos palestra sobre *marketing* esportivo. Tivemos o apoio da Maçonaria Unida do Rio Grande do Sul, para quebrar um tabu nisso aí.

E aí, sim, ano passado nós fizemos uma parceria com a Fundação do Estado, onde fizemos o primeiro curso de arbitragem só para mulheres. Foram 30.

E também fizemos, aproveitando a Copa do Mundo, a exposição *Futebol e Mulheres no País da Copa*. Ficou lá, para quem conhece Porto Alegre, na Usina do Gasômetro. Nós fizemos uma exposição de material esportivos, a Micron esteve lá. Mandaram material da Seleção Brasileira. E tivemos também a exposição de todas as fotos do Campeonato Gaúcho, desde 2010, das equipes que foram campeãs, e tudo o mais.

Então, a gente vem trabalhando. Aqui (*mostra imagem*) são as equipes que jogaram a Copa do Brasil. Eu chamo a atenção para o público em Flores da Cunha:



mais de 3 mil pessoas. Isso aí é mais do que, inclusive, público da segunda divisão do campeonato gaúcho.

Aqui vemos todas as equipes, devidamente uniformizadas, jogando em estádio. E essa foi a campeã de 2014, foi no estádio do Esporte Clube São José. O Deputado Stédile estava lá, até, assistindo o Onze Unidos, de Cachoeirinha.

Na verdade, entro aqui. Hoje, a situação do futebol feminino é mendigante, porque a gente vive pedindo. Ah, e às vezes se satisfaz com meia dúzia de bolas, ou um terno de camisetas. Mas a situação no Brasil é assim, na maioria das vezes. Tirando as equipes que jogam a Copa do Brasil que têm, em clubes, um apoio mais substancial, é mendigante. Às vezes, ainda, temos equipes que os professores colocam no carro para levar para jogar.

Nos dias de hoje, querer associar futebol feminino a clubes de camisa, a gente entende que é uma decisão equivocada. E conversamos, no ano passado, aqui, quando Toninho... Em 2013, lembram-se? O Toninho esteve aqui. Por quê? A própria FIFA, naquele encontro lá na CBF comentou. A FIFA não quer... Para ela, ela quer futebol feminino. Talvez uma estratégia de *marketing*, a gente até entende. Só que ficam... muitas equipes e muitos profissionais que atuam com isso aí ficam jogados e se sentem desanimados. Porque não é só a menina que joga que tem que se animar, o profissional que está ali, porque ele também não é reconhecido. Muitas vezes, o profissional, o clube não paga. Ele se utiliza do nome para poder fazer atividade.

Então, a gente entende que é uma decisão equivocada que, provavelmente, a gente possa rever isso em conjunto. Quem sabe esse seja um dos assuntos da nossa Frente Parlamentar.

Viver e esperar um salvador da Pátria é, no mínimo, sujeitar-se a trocas desfavoráveis à mulher enquanto cidadã. E isso é importante, porque a mulher, quando entra em campo, ela não deixa de ser mulher, ela está representando... E aí, trocar favores "*Ah, eu vou jogar a Copa do Brasil, mas só mais lá adiante tu vais ser cobrada por alguma coisa*"... Desculpem-me, mas, às vezes, até voto em federação, até em campanhas isso é feito. E mulheres, às vezes, sujeitam-se a isso.

Então, a gente acha que não tem salvador da Pátria. O que tem é planejamento, é a gente se somar para construir, no Brasil, realmente, uma política



pública que apoie esse desenvolvimento. A CBF que faça a sua parte com a Seleção Brasileira, que eu acho que está bem encaminhado. Agora, tem um outro lado que não está, que é a base. Tem clubes que trabalham base que não estão tendo oportunidade. Tem equipes que foram formadas de última hora que estão jogando o campeonato. Eu não estou mentindo. É que existem dirigentes, e se comenta entre um e outro. E a gente fica numa situação...O.k.?

Bom, as justificativas que se ouvem: clubes de futebol, em sua maioria veem o futebol feminino como despesa. Verdade.

Não existe valor agregado em atleta do futebol feminino, falando em mercado. Claro que sim. Ora, uma equipe, hoje, que mantém uma categoria de base no masculino sabe que um garoto de 10 anos, 12 anos, ele já está sendo preparado. Se ele faz um negócio, ele já tirou o investimento dele. Só que, para tu fazeres o feminino, tu tens que ter a mesma estrutura do masculino duas vezes. A gente tem que respeitar isso. E o futebol masculino também não anda lá muito bem.

Riscos jurídicos de equiparação salarial. Isso é o que falam os departamentos jurídicos de Grêmio e de Inter, não é? O Deputado Danrlei pode me ajudar. Existe, porque até já aconteceu isso com o Sport Club Internacional, de receber uma ação.

Então, isso tem que ser revisto. A mudança é mais em baixo, Deputado Stédile. Não é apenas nós termos as equipes. Porque é bem que tu disseste: num País continental como o nosso, tu tiras uma menina de cada Estado, tu já tens mais do que um plantel. Então, é só pedir indicação de quem joga bola.

Agora, vamos trabalhar essa questão da base. Como é que nós vamos favorecer esse mercado? Como é que nós vamos valorizar, potencializar isso? Esse é o assunto, é isso o que nós temos que discutir mais. Não existe mercado além da Seleção Brasileira. Luciano do Valle tentou fazer. Nós estivemos conversando, porque ele se apaixonou, que o único Estado que tinha uma associação era o nosso. E, na época, nós tínhamos Série A com 20 equipes, Série B com 48 equipes. E ele foi lá para saber, desistiu, resolveu apostar na Seleção porque gerava mídia.

Então, acho que nós estarmos trazendo aqui proposições para a gente pensar; essa discussão, como eu falei, no Rio Grande do Sul. E a gente tem uma visão do futebol feminino, no Brasil: é que existem tentativas de ações, nenhuma, realmente, eficaz. Ela acontece. Se o senhor sair de lá, talvez esse projeto da



seleção permanente possa não acontecer mais. Mas isso não é da CBF, isso é uma cultura do Brasil. Saiu o Presidente do Santos, meu amigo, é capaz de aquele projeto sair fora.

Então, temos que pensar uma proposta estruturante que garanta a continuidade disso. Fazer eventos sem o comprometimento do desenvolvimento da base é frustrante e desarmadora, é o evento pelo evento. Pode-se fazer um grande campeonato brasileiro, se não pensou em como ajudar aquele clube a manter a base, está fora. Está fora, porque daí ele vai ser o time, e vai acontecer. No Rio Grande do Sul nós tivemos dois óbitos, infelizmente. Um treinador de 26 anos faleceu, e um outro, de Tapejara, muito conhecido no futebol feminino, com 42 anos faleceu. As duas equipes acabaram, infelizmente, com o trabalho de base.

Rever critérios de participação de equipes em campeonatos promovidos pela CBF — porque a CBF é a nossa estrela — mais justos, na representação de todos os Estados, aproximando-se da realidade do futebol feminino das regiões brasileiras.

Acho que nós podemos caminhar nessa direção. De que forma? A gente pode buscar alternativas juntos, mas não podemos deixar de fora. Eu tenho lá, trabalho no Pelotas, eu tenho lá, em Ijuí, eu tenho mais de 300 meninas em escolinhas de futebol, que nós sugerimos que fizessem no Estado. E os clubes não estão tendo a oportunidade de jogar. E aí fica fácil para o Kindermann, porque só tem o Kindermann, em Santa Catarina, para pegar as gurias e levar para lá! Como é que eu vou incentivar meus treinadores a fazer trabalho de base, se do lado do Rio Grande do Sul tem uma equipe extremamente capacitada, e a gente até quer que vão? Então, em se falando de mercado, a concorrência é desleal. E aí, os profissionais se frustram, e vão apostar em outras coisas.

Estou indo, para não perder a *(ininteligível)*

A Associação traz aqui a proposta dos 20 clubes. Então, por possuírem características distintas, dissociar o futebol feminino com a obrigação dos clubes de futebol masculino, é uma atitude que favoreceria a construção de um novo mercado. O PROFUT, ele vem para que os clubes de camisa, que têm dívidas, possam renegociar sua dívida. E lá tem uma...Antes, seria obrigação do clube desenvolver futebol feminino. Hoje já não está mais. Hoje, é um apoio ao futebol feminino. É o que está na lei hoje. Então, isso atrapalha, porque o clube de futebol masculino para



(*ininteligível*), eu tenho que levar essas gurias do feminino junto. Eu, querendo tratar uma dívida de milhões, ainda tenho que ir lá dar regalo. Por isso que é mendigante, a situação.

Então, a nossa ideia é que se crie uma entidade. E aqui a gente está sendo propositivo. Nós trouxemos aqui uma proposta, é algo propositivo para a mudança disso: o surgimento de clubes focados no futebol feminino. Seria pensar o futebol feminino como produto. Diretorias trabalhando pelo desenvolvimento, fomentando o mercado, buscando alternativas autossustentáveis. Escolinhas de futebol para mulheres, maior investimento em estruturas de base, valorizando atletas com vistas a uma carreira esportiva. Geração de novos empregos, ex-atletas, renda, tecnologia e um mercado próprio compatível com a realidade da mulher. A profissão valorizada e reconhecida. Isso é mercado, mas junto com o masculino não vai, porque o valor agregado é muitíssimo maior.

Então, a gente sugere a mudança constitucional e institucional. Nada de novo, uma reengenharia no que a gente já tem.

Então o Projeto de Lei, de autoria do Deputado Stédile, 5.307, designa verba para o futebol feminino. Foi uma proposição da Associação Gaúcha, que nós chegamos no Deputado catarina, e, depois, chegamos no Deputado Stédile. Ora, 5% de toda estatal não é obrigação, é direito. Porque quem sustenta essas estatais? Cinco por cento iriam para o futebol feminino. Agora, onde vai cair esse dinheiro? Vai cair na Federação? Vai cair num local que não aposta no futebol feminino. Então, a nossa sugestão é fazer como os clubes sociais fizeram, criaram a Confederação Brasileira de Clubes, porque eles se viam formadores de atletas olímpicos. Então, vamos criar uma entidade nacional, Confederação Brasileira de Futebol Feminino, que, junto com a CBF, junto com o Ministério do Esporte, pudesse dar a diretriz, e que essa entidade, sendo criada nos Estados, fomentasse entidades específicas de futebol feminino, porque, aí, o dirigente que vai para lá não vai querendo a barbada do masculino, mas vai para desenvolver o feminino. Ou está ali ou está fora.

Hoje acontece o que nos clubes? Aconteceu lá no Atlântico Futebol Clube de Erechim. E eu fui lá e puxei a orelha deles. Eles começaram a disputar as categorias de base da Federação Masculina. Mas o feminino começou a ficar de lado. Eu falei:



“Por que o feminino está de lado?” E disseram: “Ah, pois é, mas acontece que o custo...” Mas o custo é o mesmo, inclusive mais barato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Danrlei de Deus Hinterholz) - Peço que conclua, por favor.

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA - Estou concluindo. Então, a ideia é essa. Nós estamos trazendo uma proposta: administrar os recursos, propor um calendário de competições adequado à realidade das equipes, promover cursos, seminários, pesquisas e tudo mais.

Concluindo, eu acho que faltam só as conquistas, e é importante isso — , na fala da Michael Jackson, eu pude verificar: gestão profissional de equipes, com cursos de qualificação; divulgação mais eficaz, a imprensa, realmente; políticas públicas para o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil, mais claras; escolas de formação em futebol para mulheres; empoderamento feminino, que é uma discussão que tem que ter; profissionalização como atleta e um sindicato. Senão, a atleta vai se aposentar e não vai ter aposentadoria, porque não existe isso, certo?

Vou encerrar, agradeço, mas eu trouxe um vídeo sobre esse curso de arbitragem feminina, Marco Aurélio, dado pela Federação, com os professores que dão o curso de arbitragem, muito interessante. Eu gostaria de, com esse vídeo, encerrar a minha participação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Danrlei de Deus Hinterholz) - Obrigado.

Comunico que estão presentes na sala virtual, prestigiando esta audiência pública, representando o Museu do Futebol, as Sras. Camila Aderaldo, Julia Terin, Mariana Chaves, Beatriz e Nívea.

O próximo orador é o Sr. Danilo Zero dos Santos.

(Exibição de vídeo.)

(Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Danrlei de Deus Hinterholz) - Dando andamento aos trabalhos, agora sim passo a palavra ao Danilo Zero dos Santos. Peço-lhe a maior brevidade possível, em razão do tempo.

O SR. DANILO ZERO DOS SANTOS - Boa tarde a todos. Agradeço à Comissão do Esporte o convite, cumprimento a Mesa e os Deputados presentes. Meu nome é Danilo, sou Coordenador de Esportes do Município de Araraquara. Há



6 anos, estou no futebol feminino do Município. Tenho como responsabilidade, também, outras modalidades, mas estou mais diretamente ligado ao projeto do futebol feminino.

Vou começar a apresentação falando sobre os desafios da criação de equipes femininas de futebol profissional.

A Lei nº 9.615, que institui normas gerais sobre desporto, fala, no seu art. 3º, sobre as manifestações do desporto, que pode ser de rendimento, participativo, educacional ou de formação. Em relação ao desporto de rendimento, ela fala que ele pode ser praticado de modo profissional e não-profissional. O que distingue um do outro é o contrato formal de trabalho. Então, no futebol profissional, ou no esporte profissional, há um contrato formal de trabalho e, no não-profissional, não existe esse contrato.

Portanto, o desafio do futebol feminino, para começar a ter esse contrato formal de trabalho, é que o clube, especificamente de futebol feminino, vai precisar de uma estrutura. A partir do momento em que se cria um contrato formal, precisa-se de mais treinamento.

Então, precisa-se de estrutura, alojamento, centro de treinamento — CT, transporte. Precisa-se, também, nos clubes de futebol feminino, de um departamento jurídico, contábil, de recursos humanos, de *marketing* porque, atualmente, no futebol feminino, na grande maioria dos clubes, é o técnico ou um auxiliar que ajuda todo o processo de campo, material, lavagem de uniforme. Então, precisa-se de um corpo maior de pessoas para trabalhar no seu clube.

Precisa-se, também — e é o mais importante para tudo isso —, de recursos financeiros. Então, eu coloquei que o desafio nosso é incrementar as receitas para as despesas que o time profissional exige. Então, dos times não profissionais para os times profissionais há uma distância grande, e nós vamos necessitar de recursos.

Como são hoje os contextos dos times do futebol brasileiro feminino? Eles são geridos pelo Poder Público — acho que a sua maioria. Na maioria dos casos, acho que o Poder Público está, diretamente, ligado, e acaba havendo um limite. As Prefeituras, geralmente, têm um limite orçamentário. Existem oscilações dos recursos, dependendo da arrecadação, dependendo do repasse de cada Prefeitura.



E, também, não se consegue planejar a médio e longo prazo. Às vezes, muda-se o Prefeito, muda-se a política do esporte no Município, muda-se a modalidade, etc.

Há, também, dificuldade em patrocínio, muito por causa do nosso calendário inadequado do futebol feminino. Vai haver agora a Copa Libertadores da América, e a Ferroviária e o São José são os representantes do Brasil na competição. Mas o São José, no mesmo período, vai disputar o Campeonato Brasileiro. Então, ele vai ter que escolher para qual competição vai com força máxima. Isso é uma incoerência, porque esse é o time que mais investe no futebol feminino, e ele não terá o seu retorno. Ele está sendo punido pelo investimento maior, já que é uma competição tão importante. E, por causa disso, também, se dificulta a captação de recursos, porque os patrocinadores acabam vendo incoerência neste projeto de futebol feminino.

O mercado é pequeno. Infelizmente, não temos a cultura ainda do futebol feminino no País. Como o Dr. Marco Aurélio falou, em outros países, o futebol feminino é muito presente. No Brasil, nós não temos isso. Como resultado disso, nós não vamos passar de um ponto de singularidade, e o que isso quer dizer? É um ponto em que o futebol feminino vai crescer e não voltará mais ao seu estágio atual. Tudo isso o nosso futebol, atualmente, gera. Vamos ficar apenas sonhando com algo melhor para a modalidade sem passar por esse ponto importante.

Aqui eu fiz o modelo a seguir, que quer dizer assim: será que o nosso futebol masculino é um modelo que nós temos que seguir para nos profissionalizarmos, já que eles pagam altos salários? Então, peguei o time de maior receita do futebol masculino no ano passado, o Flamengo, com 347 milhões — o futebol feminino não tem esses dados. Conversando com algumas pessoas, eu acho que, mais ou menos, chega perto de 2 milhões o clube que tem a maior receita de futebol feminino.

Mensalmente, o Flamengo teria, então, uma receita de 29 milhões, e o clube de futebol feminino, 165 mil. Geralmente, há um número padrão: os clubes de boa gestão utilizam desse orçamento 70% para salários. O Flamengo teria 20 milhões para trabalhar com os salários em cargos, durante 1 mês, e o clube futebol feminino, 116 mil. Com um elenco de 30 atletas, o Flamengo teria 674 mil para cada jogador, com salários de cargos, e o clube de futebol feminino, 3.800 reais. Então, o salário



médio do futebol masculino é 177 vezes maior do que o do futebol feminino. No futebol feminino, não é salário. Ele é bolsa-patrocínio, à exceção do Santos, que considera agora contrato profissional. Mas os valores, também, são baixos.

Temos um grande problema, também, no futebol masculino. Segundo dados do Bom Senso, de 31 mil jogadores registrados na Confederação Brasileira de Futebol — CBF, somente 2% ganham mais de 20 salários mínimos. Ganham até dois salários mínimos 82% dos jogadores, e 80% ficam desempregados por mais de 6 meses. Então, hoje nós temos cerca de 20 mil jogadores sem trabalho.

Se nós colocarmos o futebol masculino como um exemplo, nós estamos vendo que ele é um futebol, um modelo que exclui. Nós podemos colocar os clubes de camisa, talvez, um dinheiro maior para o futebol feminino, mas nós vamos gerar exclusão para as outras jogadoras, para os outros clubes.

Acho que o próximo eslaide seja o mais preocupante para o País, porque é em relação ao estudo. Cerca de 53% dos nossos jovens atletas do futebol estão defasados em relação à sua série escolar, e grande parte dos atletas que chegam à categoria Sub-20 não são aproveitados pelo mercado. Eles têm baixo capital cultural e, depois que acabam, não seguem a carreira no esporte, por diversas razões, e acabam tendo dificuldade na sua inserção no mercado.

Isso é um problema sério para o País, porque, no futebol brasileiro, nós estamos gerando uma força de trabalho de baixa qualificação. Isso vai trazer desequilíbrios econômicos e sociais gravíssimos para o País, e nós temos que mudar essa realidade.

Eu estava assistindo a um programa de televisão, acho que era o *Cartão Verde*, na época, e havia um jogador do Palmeiras, não lembro o nome dele, contando a história de como ele foi jogador de futebol. Ele jogava futebol num período, futsal no outro e estudava no outro período. Ele não estava conseguindo ir bem em nenhuma das três coisas, e o pai dele falou para ele largar um e se dedicar aos outros dois. Ele acabou largando o estudo. E, depois, esse jogador talvez não vá seguir carreira e acabará indo para o mercado de trabalho informal etc., etc.

Eu acredito que, no novo futebol feminino que deve ser construído, mais importante do que nós ganharmos títulos, não sei, é que nós tenhamos uma estrutura sólida na educação ao esporte. Acho que a menina tem o direito à



participação no futebol feminino. Ela pode não ser jogadora? Pode não ser jogadora, mas ela tem que estar estudando.

As atletas do futebol feminino profissional — como a Bruna é hoje, várias atletas do nosso clube são hoje — podem, em determinado momento, falar assim: “*olha, não quero mais ser jogadora, quero me dedicar a outra profissão*”. Só que elas têm que estar preparadas para essa outra profissão, mas, hoje na nossa realidade, elas não estão preparadas. Por quê? Porque o nosso esporte e a educação não caminham juntos. Há uma exigência de treinamento muito maior, a competição exige isso para que as jogadoras tenham resultados e se exclui, nesse quesito, o lado escolar, que acho que seja importante para a seleção.

Naquele “x” que eu tinha falado sobre o que era importante, como nós vamos alcançar essa diferença, tenho sugestão sobre o que precisa ser trabalhado, já que o patrocínio é importante, é imprescindível para esse investimento. Por exemplo, a Caixa Econômica Federal hoje patrocina o Campeonato Brasileiro com 10 milhões, anualmente. Será que, se a Caixa Econômica Federal sair, nós vamos conseguir outro patrocinador nesse mesmo patamar ou até maior?

Acho que o Poder Público — no caso, as estatais — pode ajudar, neste momento, a alavancar o futebol feminino, mas nós precisamos criar condições para que isso se reproduza com outras empresas, abrindo possibilidades.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Sr. Danilo, eu precisava que V.Sa. fizesse a sua conclusão.

O SR. DANILO ZERO DOS SANTOS - É a última parte.

Então, o futebol feminino é futebol, é um produto que nós podemos trabalhar como futebol — um calendário nacional unificado. A minha proposta é que os clubes não tenham que escolher entre competições. Haja calendário durante o ano inteiro. Eu fiz uma ideia de calendário, já até passei para que os clubes não tenham que escolher entre competições, tenham calendário durante o ano inteiro.

Eu fiz uma ideia de calendário e já até passei para o *Universidade* Futebol para eles analisarem. A seleção brasileira tem um papel importante nesse processo. Eles podem jogar durante o ano no Brasil e não só no exterior, alavancando o futebol feminino em vários Municípios brasileiros.



Talvez tenha que haver adaptações na legislação — principalmente na questão de trabalho — para facilitar aos clubes a regularização da carteira de trabalho entre as atletas, principalmente.

Em relação à questão institucional, nós precisamos ter instituições que pensem o futebol feminino e que ajam pelo futebol feminino, até a criação de uma CBF do futebol feminino. É uma ideia muito plausível.

Eu coloquei aqui que vencer a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos deve fazer parte do processo, mas a maior vitória é o desenvolvimento como um todo da modalidade no País.

Então, eu acredito que nós devemos trabalhar, sim, essa lição. Todos nós, para vencermos uma competição dessa natureza.

Eu acho que o mais importante é que tenhamos estrutura no futebol no Brasil inteiro que permita à seleção brasileira ter atletas mais capacitadas, mais bem treinadas durante os períodos de convocação. Hoje ela leva atleta para uma seleção permanente, é o meio de que ela se utilizou diante das novas deficiências. Então, nós esperamos construir isso, para que ela não utilize mais essa ferramenta. E o futebol feminino possa ser forte como um todo. É isso. Boa tarde. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Danilo, Ferroviário Futebol Feminino.

Gostaria de fazer mais uma comunicação. Estão presentes na sala virtual, prestigiando esta audiência pública, representando o Museu do Futebol, as Sras. Camila Deraldo, Julia Terin, Mariana Chaves, Beatriz e Nívea.

Já temos algumas perguntas que alguns internautas mandaram. Daqui a pouquinho nós iremos fazê-las aos expositores.

Com a palavra, Marcos Planela Barbosa, do Futebol Feminino do Esporte Clube de Pelotas do Rio Grande do Sul. Gostaria que se ativesse aos 10 minutos, por favor.

O SR. MARCOS PLANELA BARBOSA - Boa tarde a todos.

Inicialmente, eu gostaria de pedir desculpas em nome de todos nós ao Deputado Márcio Marinho. O tema é a nossa vida: o futebol feminino. Em princípio, tinham-nos informado que cada um teria de 15 a 20 minutos. Então, nós mais ou



menos programamos uma fala em cima de 15, 20 minutos. Chegamos aqui, nós começamos a correr contra os 10, mas entendemos o porquê disso.

O tema é apaixonante para nós. Meu nome é Marcos Planela Barbosa. Eu trabalho com futebol feminino há 20 anos no Rio Grande do Sul. Fui auxiliar técnico da seleção brasileira sub-17, em 2009. Trabalhei com o professor Edvaldo Erlacher, que era o treinador na época da sub-17. Mais de 500 meninas já jogaram na nossa equipe ao longo desses anos todos, 20 delas com convocações para a seleção brasileira adulta, sub-20, sub-17, sub-15. Para fazer uma única referência, a Andressa Macri, a Andressinha, que hoje joga no Tiradentes do Piauí, começou sua trajetória de convocações jogando no Pelotas, entre outras, como Chaiane e Natane, as gêmeas que jogam no Santos.

Quero parabenizar e agradecer o Deputado Márcio Marinho, bem assim como todos os componentes da Comissão por este momento, por essa oportunidade. A Deputada Flávia Moraes e o Deputado João Derly, os proponentes. Agradecemos o Deputado Jose Stédile, que agora preside a Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino. É uma iniciativa extremamente importante para nós que trabalhamos no meio, que buscamos esse tipo de apoio, que precisamos desse tipo de apoio. Agradecemos também pela autoria do PL 5.307, de 2013. Nós esperamos que esta Comissão ajude a acelerar o processo, que leve à sua aprovação.

Hoje pela manhã eu e o Presidente da Associação Gaúcha, o Prof. Carlos Alberto de Souza, estivemos no Senado Federal visitando o Senador Romário, para que, assim que essa pauta avance da Câmara dos Deputados, possa ter no Senado também uma tramitação célere visando à sua aprovação, já que vai ter que passar por aquela Casa também para que se torne algo real, que venha realmente a beneficiar o futebol feminino.

Eu participei de duas audiências públicas nesta Casa, Deputado. Eu estive aqui em 2008.

Eu me lembro que naquele momento a mesa era composta por diversas autoridade esportivas, mas que tinham muito pouco conhecimento de futebol feminino. O Presidente era o Deputado Albano Franco, que acabou me deixando falar 20 minutos, e eram 10, porque havia pessoas que falaram 2, porque entendiam



de esporte, mas não sabiam a realidade do futebol feminino. Então, ele compensou, fez uma média e me deixou passar um pouco do tempo normal.

Foi uma audiência em cujo momento que eu apresentei o problema. Tudo o que eu vivia no Rio Grande do Sul, tudo o que eu enxergava. Eu só falei de problemas.

Já em 2013, eu estive de novo aqui nesta Casa, participando de uma audiência com o Prof. René Simões, numa mesa que foi extremamente propositiva. O Toninho Nascimento, que na época era o Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor. Nós tivemos um embate forte, educado, propositivo. Foi uma audiência extremamente propositiva.

Eu fiquei pensando nessa minha terceira vinda aqui não momento de que maneira eu conseguiria contribuir com o debate. A minha ideia aqui hoje é fazer uma participação questionadora para gerar algumas reflexões nas autoridades presentes aqui hoje, que podem e devem ter o poder de fazer as intervenções que nós esperamos para melhorar o quadro do futebol feminino.

Na verdade, eu vim mais para perguntar e espero eu ouvir respostas do que para fazer afirmações ou colocações. Já foram feitas várias aqui. O pessoal apresentou dados, propostas, como o Presidente Carlos Alberto Souza. A experiência da Bruna, de quem eu tenho muito prazer de estar ao lado.

Sou seu fã como atleta. Fiquei muito triste quando você se machucou. Você fez muita falta na nossa seleção naquele momento. É um prazer estar aqui.

As minhas indagações são no seguinte sentido. A primeira delas. Alguém sabe aqui me dizer quantas equipes de futebol feminino existem no Brasil legalmente constituídas, com estatuto, CNPJ, estádio? Quantas equipes de futebol feminino existem no Brasil? Não aquela equipe que as meninas compraram as camisas e foram jogar num ginásio. Sobre isso não pode haver controle. Quantas equipes existem? Esse dado certo, essa resposta alguém sabe me dar? Quantas atletas federadas, nas suas federações estaduais ou na CBF existem devidamente registradas? Quantos técnicos trabalhando com futebol feminino estão realmente habilitados a trabalhar com a modalidade, da área de educação física ou que tenham passado por um curso de sindicato dos treinadores profissionais no seu Estado existem no Brasil?



Como nós queremos mudar a realidade se ninguém sabe desses dados que são básicos para organizar a modalidade? Com todo o respeito ao trabalho...

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Eu posso lhe explicar.

O SR. MARCOS PLANELA BARBOSA - Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Olha, só que agora não compete ao debate. É exposição... Daqui a pouco, iremos abrir para as discussões.

O SR. MARCOS PLANELA BARBOSA - Hoje as instituições que comandam isso — e não é por culpa dos presentes — não sabem me responder. Eu tenho certeza disso.

Esses dados não estão disponíveis para Michael Jackson.

Que bom que estejam e possam me responder. Eu não sei isso e gostaria que alguém soubesse me responder. Não há como criar uma política estruturante para isso, se nós não sabemos qual é o nosso universo. Nós não temos como partir dessa informação básica inicial.

Segundo. Eu entendo que uma associação de futebol feminino, a brasileira, juntando uma em cada Estado, essa associação que trabalharia em prol somente do futebol feminino, ela faria esse levantamento, ela organizaria esse cadastro de atletas, de técnicos de clubes e gerenciaria isso, filiada à CBF. Eu não sou a favor de se criar uma organização nacional que entrasse em conflito com a CBF. Eu entendo que o papel da CBF seria cuidar das seleções. E essa associação cuidaria do calendário nacional de competições para o futebol feminino e todas as outras questões que dissessem respeito à modalidade.

Que garantia nós temos de que as competições nacionais atuais, como a Copa do Brasil, o Campeonato Brasileiro, que são patrocinadas por estatais, como a PETROBRAS, a Caixa Econômica Federal, terão sequência numa mudança eventual de Governo? Ou numa mudança de política do Governo atual, em tempos de crise e de corte de despesas aqui, diminuição de orçamento lá. Que garantia nós temos de que essas duas competições nacionais — Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro — vão ter sequência? O Campeonato Brasileiro esteve parado durante 7, 8 anos. Foi retomado recentemente. O que garante a sequência delas? Repito. Se houver uma mudança, entre um novo partido e diga: *“não, isso aqui não é prioritário para nós”*, ou esse mesmo Governo tenha que reavaliar essa situação.



Nós temos que avançar para algumas questões estruturais de leis que garantam algumas coisas, que, independentemente de Governo, cumpra-se. Nós precisamos de uma política de Estado para o esporte, não de uma política de Governo. Governos e governantes passam. Nós precisamos de uma política de Estado para o esporte brasileiro, e não há uma. Nós engatinhamos nesse sentido ainda, na minha modesta visão e conforme indica minha experiência de 20 anos trabalhando com a modalidade.

Quanto à terceira questão, eu fiz essa mesma pergunta nas minhas duas outras participações, mas acho que não deixei claro o sentido do que eu queria dizer com ela. Por isso, hoje eu resolvi desenvolvê-la um pouquinho mais. Qual é o modelo de desenvolvimento que nós queremos para o futebol feminino no Brasil?

Eu venho da sociologia, não sou da educação física. Então, preocupo-me muito com essa parte. Atleta só joga conosco se estiver estudando ou se tiver o ensino médio completo. Senão, ela não joga na nossa equipe.

“Ah, mas você perdeu uma menina de grande potencial!”. Nós arrumamos uma bolsa de estudo, e ela volta a estudar e a jogar conosco. Se ela não quiser estudar, ela não vai jogar conosco. Eu vou perder um jogo contra uma excelente jogadora, porque ela não quis estudar e fez um gol contra mim. Nós não vamos mudar a nossa política de trabalho. Não é a prioridade ganhar por ganhar para o trabalho que nós desenvolvemos lá.

Então, o que eu quero dizer com modelo? Nós vamos replicar o modelo do futebol masculino? Qual é o modelo adotado pelo futebol masculino? O modelo é o menino parar de estudar — às vezes, durante o ensino o fundamental —, porque a família acredita que ele vai ser o ganha-pão, o grande sustento, vai ser o próximo Neymar, o próximo Ronaldinho, vai ser a salvação da colheita para a família. Ela o faz largar a escola, e o clube incentiva isso — o clube incentiva. Existem leis que dizem que o menino tem que estar regularmente matriculado para jogar nas categorias de base, mas não há fiscalização sobre isso.

Os meninos param de estudar precocemente, achando que vão conseguir a independência financeira, mas a maioria sequer — isto é dado do Sindicato dos Atletas — vai se profissionalizar. Dos que vão se profissionalizar, a maioria vai passar a vida útil inteira jogando em times médios e pequenos, ganhando no



máximo 3 ou 4 salários mínimos na categoria — quer dizer, não vai conseguir a sua independência financeira.

Esses meninos vão ter uma vida útil de atleta de 10 a 15 anos, no máximo, se não tiverem uma lesão precoce, e, quando saírem daquela pseudoprofissão na qual eles achavam que iriam se manter, não vão conseguir se reinserir num mercado de trabalho, porque eles não têm formação nenhuma, não têm qualificação nenhuma. É esse o modelo que o futebol feminino tem que replicar? Eu entendo que não.

São essas as questões que eu gostaria de deixar em aberto, para que alguém, num segundo momento, me respondesse, me esclarecesse ou opinasse sobre os temas.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Sr. Marcos Planela Barbosa, Coordenador-Geral de Futebol Feminino do Esporte Clube Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Com a palavra o Sr. Célio Lino de Oliveira, da Sociedade Esportiva do Gama, pelo tempo também de 10 minutos.

O SR. CÉLIO LINO DE OLIVEIRA - Antes de tudo, boa tarde.

Agradeço o convite para estar aqui hoje defendendo a bandeira do futebol feminino. Sabemos a dificuldade que enfrenta em todo o Brasil essa modalidade. Eu falo isso com um pouco de conhecimento de causa, porque fui atleta do futebol masculino, tendo jogado durante quase 20 anos futebol profissional, inclusive fora do País.

Por tudo que foi comentado aqui na mesa, percebe-se a dificuldade que se tem no Brasil. Vemos aí a Michael Jackson, que é uma das atletas da geração de futebol feminino que deu alegria ao Brasil. Quantas outras ficaram para trás, não é, Michael Jackson?

Um dia desses nós estávamos até comentando sobre você ter uma oportunidade de ir conhecer um pouco do trabalho do futebol da Sociedade Esportiva do Gama lá no CT e falamos de algumas amigas que estão trabalhando em situações precárias, quando poderiam estar trabalhando no futebol feminino.

Contudo, muitas das vezes elas não têm essa oportunidade, justamente por falta dessa profissionalização, que não alcança só os atletas, mas também às



peessoas que estão comandando. Falta esse pequeno detalhe para que a modalidade possa ainda crescer muito mais. Você viveu isso e sabe que as dificuldades que você tinha na época ainda são as mesmas hoje.

Graças a Deus, surgiu o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, mas e as equipes que não estão participando dele? Como está sendo o trabalho delas? Sabemos que a tarefa é árdua, a dificuldade é grande.

Michael, você até teve oportunidade de comentar sobre o Santos, mas o Santos tem um Presidente que tem a cabeça voltada para o futebol feminino. Nós encontramos grandes dificuldades por parte dos clubes também. Eu levo a bandeira do Gama, que é o maior time do Distrito Federal, mas não encontramos flexibilidade para que o futebol feminino dentro do clube seja desenvolvido. Sabemos como é difícil. Muitas vezes, dentro do próprio clube, nós encontramos dificuldade.

Falando do meu caso, eu me formei na área de Educação Física e virei treinador. Foi aberto para mim um espaço no futebol feminino. Há um dizer do futebol masculino — o Danrlei também deve conhecer — que eu trago para o futebol feminino. Fala-se que no futebol masculino se mata um leão por dia. No futebol feminino, nós matamos uma savana por dia para sobreviver.

Não é fácil, não é, Michael Jackson? Não é fácil, porque a menina encontra preconceito dentro da sua casa e até dentro do próprio campo. Nós vemos muitas meninas guerreiras, meninas que trabalham, fazem faculdade, cuidam de filho e de marido e ainda arrumam tempo para treinar e jogar, porque esse é momento que elas mais adoram. O lazer delas é este: jogar futebol.

E nós nos encontramos num país em que isso é o mínimo que poderia ser feito. Nós estamos reunidos procurando achar uma possibilidade de desenvolvimento para a modalidade, sendo que há um caminho tão fácil.

Marcos, a mesma dificuldade que você tem lá no Rio Grande do Sul nós temos aqui. O Gama é a única equipe no Distrito Federal que se mantém em atividade o ano todo, mas as meninas, muitas das vezes, têm que tirar dinheiro do próprio bolso, porque a equipe não tem condição. Nós ajudamos daqui, ajudamos de lá.

E eu acredito que a mesma dificuldade que eu tenho aqui você tem lá. A única diferença é que aqui eu carrego nas costas uma equipe que tem torcida, que



cobra do mesmo jeito, independentemente de a menina ter dificuldade em casa ou de qualquer outra coisa. Então, a dificuldade é imensa, mas nós a temos enfrentado com força, com garra, com disposição, encontrando essa motivação para as atletas.

Muitas das vezes eu acordo com vontade de largar o futebol feminino. Acredito que com você também aconteça isso, Marcos, assim como com muitos que estão no futebol feminino. Largo às vezes a minha família, os meus filhos, para me dedicar ao sonho de várias meninas.

Então, acreditamos que este momento esteja sendo valorizado, principalmente pelas atletas. Elas querem, às vezes, que o profissionalismo venha de cima para baixo, mas, por ter atuado no futebol masculino, Michael Jackson, eu tenho uma visão de que ainda precisamos que as meninas tenham uma mentalidade mais profissional, cumpram seus horários de treino, dediquem-se mais. Muitas ainda levam o futebol na brincadeira. Pensam que, havendo um jogo no domingo, passar o sábado na farra e chegar às 5 horas da manhã em casa é normal.

Eu não estudei, eu não me formei para — Deus me livre! — que amanhã ou depois aconteça com a menina alguma coisa dentro de campo por causa dessas atividades extracampo e eu tenha que me responsabilizar por uma situação dessas. Talvez eu possa estar colocando a minha carreira, a minha profissão em risco, porque a menina ainda não tem esse profissionalismo.

Mesmo assim, eu acho que foi Deus que colocou o futebol feminino no meu caminho, porque, a partir do momento em que ele entrou na veia, ficou complicado fazê-lo sair. Muitas das vezes, quando eu penso em largá-lo, vejo aquela menina querendo realizar um sonho, que é o simples fato de jogar futebol, gente!

Mas nós agradecemos a Deus e esperamos que daqui em diante muita coisa boa possa vir para o futebol feminino, para que possamos ter não só uma Seleção Brasileira forte, mas também equipes fortes no nosso Brasil, porque só assim nós vamos ter uma Seleção a cada dia mais forte. Não adianta pensarmos só em seleção. Vamos fazer os trabalhos na nossa base, gente!

Há o exemplo do próprio Paraguai, vizinho nosso, que está fazendo um trabalho parecido com o futebol americano. Daqui a uns 10 ou 15 anos o Paraguai vai colher seus frutos. E nós estamos parados no tempo.



Não adianta só criar um Campeonato Brasileiro, não adianta só investir numa seleção. Nós temos que investir nos clubes, porque os grandes diamantes estão nos clubes. Mas, se o diamante não for lapidado, não adianta. Então, precisam ser lapidados esses diamantes, para que possam ser cada dia mais apreciados. E o futebol feminino tem talento, tem garra, tem disposição, tem vontade.

Então, nós esperamos, inclusive, Michael Jackson — vou dar uma opinião —, que vocês possam chamar Presidentes de clubes para conversar, a fim de que realmente as equipes de futebol feminino possam se desenvolver. Mas eu acredito que você vá ouvir um “não”. Por quê? Porque no futebol feminino não existem grandes quantias de dinheiro por trás. A dificuldade é grande. Se houvesse o dinheiro, as portas se abririam mais facilmente.

Enquanto isso, nós agradecemos aos Parlamentares presentes, esperando que eles possam fortalecer cada dia mais essa modalidade, que é carente, que necessita mesmo de pessoas como eles para fazê-la crescer. Senão, nós vamos ficar iguais a zumbis, vegetando, e o futebol feminino nunca vai sair dessa situação. Olhem que eu falo de coisas de 20 a 40 anos atrás, vividas pela Michael Jackson na época dela, e nós passamos por isso até hoje. A situação é complicada, não só aqui, mas em qualquer lugar do Brasil.

Então, espero que realmente nós estejamos fazendo a diferença aqui. Agradeço pela oportunidade de vir a esta audiência pública. Que Deus abençoe a todos os presentes. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Sr. Célio Lino.

Nós vamos agora passar a palavra à proponente do requerimento, a Deputada Flávia Morais, que não pôde estar presente quando abrimos a nossa audiência pública — nas quartas-feiras, há uma correria danada aqui na Câmara. Certamente a Deputada gostaria de ter estado presente na abertura, mas nós participamos de três ou quatro Comissões e, às vezes, o tempo fica muito curto.

Depois de a Deputada Flávia Morais fazer uso da palavra, eu a passarei aos Deputados inscritos.

Com a palavra a Deputada Flávia Morais.

A SRA. DEPUTADA FLÁVIA MORAIS - Obrigada, Sr. Presidente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - V.Exa. não quer vir se sentar à mesa?

A SRA. DEPUTADA FLÁVIA MORAIS - Estou bem aqui.

Obrigada pela disponibilidade de agendar num tempo até razoavelmente rápido esta audiência pública, que trata desse tema tão importante. Já é a segunda audiência como esta que fazemos na Casa. Há poucos dias também tivemos uma pauta feminina e falamos um pouco sobre esse assunto.

E a nossa intenção, o nosso objetivo maior, é dar visibilidade a esse tema aqui nesta Casa. Então, eu queria aqui agradecer aos Deputados da Comissão do Esporte, que têm sido muito solidários a essa causa do futebol feminino. Pode-se ver, Sr. Presidente, que a audiência pública está com quórum elevado. Há aqui Deputados que a estão acompanhando desde o começo, interessados no tema.

Eu queria agradecer também a participação dos representantes dos clubes, que vieram prestar os seus depoimentos, apresentar as suas dificuldades. Agradeço à Michael Jackson, do Ministério do Esporte, que está lá justamente para executar essa política pública. Ela sabe dos desafios e das limitações que nós temos.

Enfim, agradeço a todos que participam conosco, ajudando-nos realmente a facilitar o acesso ao futebol feminino e aumentar a participação e a oferta dele aqui no nosso País, que é o país do futebol. O futebol é a nossa paixão nacional, mas ainda existe uma restrição muito grande em relação especificamente ao futebol feminino.

Nós tivemos um grande evento mundial, que foi a Copa, que fortalece ainda mais esse nosso interesse pelo futebol. Mas nós precisamos aproveitar este momento para discutir e buscar ações efetivas no sentido de avançar nesses aspectos da oferta e da valorização dos profissionais, dos treinadores e das atletas do futebol.

Então, eu quero agradecer, Sr. Presidente, e me colocar à disposição de todos, para que nós nesta Comissão possamos atuar vigorosamente para fortalecer o futebol feminino no Brasil.

Obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Deputada. Deputada, quero fazer o convite para vir para a mesa, por favor.



Nós vamos abrir agora aos Parlamentares. O primeiro inscrito é o Deputado Danrlei de Deus Hinterholz, para fazer a sua apresentação, os seus questionamentos à Mesa. Fique à vontade.

O SR. DEPUTADO DANRLEI DE DEUS HINTERHOLZ - Obrigado, Presidente.

Quero saudar o Marco Aurélio e a Michael Jackson. Torci muito também, não sabia que eram tantos gols. Parabéns! Gostei de saber. Saúdo também a Bruna, o meu amigo Carlos e a todos os participantes desta audiência pública. É bom vê-los aqui também.

Eu tenho um pensamento e uma visão. Eu nasci no meio do futebol em Crissiumal. O Presidente não deve nem imaginar onde fica. É longe! São 500 a 600 quilômetros de Porto Alegre. Até hoje é estrada de chão para chegar-se lá. Nasci no meio do futebol. Na família, todos sempre gostaram. Então, eu não tenho como não participar e estar ativamente ligado ao esporte, principalmente ao futebol, seja ele masculino ou feminino.

Eu tenho um pensamento e uma visão, de repente, diferente de alguns de vocês em relação a isso. Se eu estiver errado, peço principalmente à Michael Jackson. Não tem como a chamar de Mariléia. Vai ser Michael Jackson a vida inteira. É o seu nome e não tem como mudar. Peço que, se eu estiver errado, que vocês me corrijam.

Eu acho que o futebol feminino no nosso País tem que sair, em primeiro lugar, debaixo da asa do futebol masculino. Para mim é o primeiro passo. Óbvio, sempre sob a chancela da CBF, que é a nossa entidade maior do futebol, seja ele masculino ou feminino. Mas futebol feminino deve procurar o seu caminho.

Eu consigo ver o futebol feminino forte, no momento em que ele tiver o caminho próprio, a vida própria. Que ele ache o seu próprio torcedor! Que ele não busque naquele torcedor que vai ao futebol masculino como o seu público, como a sua torcida e, sim, que ele comece um trabalho!

Novamente eu vou falar, porque para mim é o início de tudo para qualquer esporte: que ele busque a sua base! A sua base! Que ele busque o seu torcedor, desde o início! Que se trabalhe isso e se faça um planejamento, que se coloque um conselho, que se monte uma liga, sempre sob a chancela — vou falar novamente —



da CBF, mas que corra atrás da sua própria verba, daqueles patrocínios que vão fazer com que o futebol feminino se torne forte.

Não deve ficar pegando — eu vou dizer de novo — as migalhas do futebol masculino e achando isso bom. O futebol masculino não tem dinheiro nem para ele. Nós falamos aqui em trezentos e poucos milhões, como foi colocado pelo Danilo. Vamos pegar o Flamengo, que é o que mais tem. Estamos pegando o maior também. Posso lhe dizer que, disso aí, ele fica num déficit de mais de 100 milhões no final do ano.

Então, o futebol masculino não é base para o feminino. O futebol masculino não é modelo para o feminino. Eu acho que o futebol feminino tem as suas características de trabalho, tem que ser tratado de forma diferente do masculino, sim. Nós estamos falando de mulheres. É diferente em muitos sentidos. As regras podem ser as mesmas, mas o tratamento não pode.

Eu sou um dos sonhadores e um dos que, se puder, vou estar aqui para ajudar, para que nós consigamos transformar o futebol feminino numa potência do nosso País. Eu acho que tem capacidade, tem material humano para isso. Eu acho que material humano...

Eu vejo o futebol feminino quando passa, óbvio, quando nos dão oportunidade de ver, o que é difícil também. Nós temos material humano maravilhoso. O que nos falta é a base. Imagina essas meninas, imagina até mesmo você, Michael Jackson, no início da sua carreira, tendo a possibilidade de, desde o início, desde o momento em que tomou a decisão: eu quero para minha vida ser uma atleta de futebol, você ter professores, você ter educadores, você ter preparador físico, você ter pessoas que vão auxiliá-lo, que iriam e poderiam auxiliá-lo na sua carreira. Já imaginou quanto gol você faria? Já imaginou quanto mais você poderia ter proporcionado de alegria ao povo brasileiro? Medalhas, campeonatos mundiais, se nós tivéssemos a base. Só que não esperem isso do futebol masculino. Não vamos esperar que o futebol masculino vá nos dar isso, vá trazer isso ao futebol feminino. Vamos trabalhar para isso. Vamos fazer projetos, vamos montar conselhos, vamos debater como já foi debatido no Rio Grande do Sul.

Eu concordo... Não vou concordar 100%, porque a unanimidade sempre é burra, mas concordo com praticamente tudo o que você colocou aí. Este é o



caminho: que se tenham ex-atletas. Hoje nós podemos dizer que o futebol feminino também tem tão bons ex-atletas que podem auxiliar no crescimento do futebol feminino quanto se tem no futebol masculino.

Vamos dar valor à nossa história, a quem fez história no futebol feminino. Vamos trazer essas pessoas para dentro, junto. Vamos trazer essas pessoas e colocá-las ao lado de todos vocês que falaram aqui, que são apaixonados pelo futebol, que viveram a vida inteira (*Ininteligível.*), lutaram, porque é uma luta ingrata.

Se o masculino já é difícil, eu não vou nem falar... São essas 177 vezes mais difícil do que o masculino. É proporcional ao salário hoje a dificuldade. Eu tenho certeza absoluta disso. Não convivi diariamente, não vivi como vocês vivem, mas não precisa ser um grande entendedor para saber disso.

Então, eu quero dizer, Presidente, que não me vou estender-me muito, porque há outros Deputados querendo falar também. É importante que nós ouçamos a todos eles. Nós aqui dentro fiquemos como estamos hoje de coração aberto, querendo ajudar. Mas nós precisamos que aqueles que trabalham com o futebol feminino, aqueles que vivem o futebol feminino nos tragam os subsídios e o caminho que nós temos para seguir com essa luta aqui dentro. Mas a luta primeira tem que ser de quem vive o dia a dia.

Eu acho que, enquanto o futebol feminino ficar esperando que o futebol masculino venha lhe dar o apoio, não vai dar certo. Desculpem-me dizer isso. Tem vida própria, eu acho que tem espaço para isso, como qualquer esporte neste País imenso. Existe espaço para os fãs de qualquer esporte. Futebol feminino muito mais, porque o nome já diz tudo: futebol. É a maior paixão do nosso povo.

Por que não ter uma vida própria e não ser forte? Tão forte a ponto... Eu já sonho de um dia — estávamos conversando aqui em cima, Michael Jackson — poder dizer assim: não, agora quem não quer somos nós. Nós já temos nossos apoiadores, nós já somos fortes e nós já temos vida própria. Isso, sim, é o sonho maior: poder realizar.

Mas só vai acontecer — eu vou dizer novamente, para terminar — no momento em que o futebol feminino tiver a capacidade e a inteligência de sair das asas do futebol masculino. E para isso tem que ter coragem. Não é fácil. Quando eu digo isso, por favor, não me entendam mal. Eu não estou dizendo para que montem



outras equipes, mas que tenham vida própria. Mesmo o Gama, que seja o Grêmio, futebol (*Ininteligível.*), Flamengo, não importa o clube, mas que não fique embaixo da mesma diretoria, do mesmo trabalho. Que possa ter vida própria mesmo com o apoio do clube!

Eu sei que o apoio do clube sempre vai ser pequeno. Eles não conseguem montar uma equipe profissional para trabalhar 12 meses! Como é que eles vão ajudar o futebol feminino? Eu acho que futebol feminino tem capacidade e tem, sim, possibilidade de conseguir seus próprios patrocínios e ter a sua vida própria.

Eu torço por isso. Estou aqui à disposição para ajudar nessa luta. Que seja o mais rápido possível!

Obrigado, Presidente. Acho que eu me estendi, mas é uma questão, é uma luta muito ingrata. Dá vontade de falar muito mais coisas, mas é melhor deixar assim. Vamos deixar que nós vamos aos poucos para não assustar essa gente toda também.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Deputado, a sua fala é sempre positiva e propositiva.

V.Exa. que esteve participando efetivamente de esporte sabe a dificuldade sendo homem, imagina sendo mulher. Então, a sua fala foi muito positiva. E nós pudemos perceber, até por algumas pessoas na plateia e aqui na mesa, algumas pessoas balançando a cabeça em gesto de que está concordando com a sua palavra.

Então, eu tenho certeza que V.Exa. irá contribuir muito para que nós possamos fazer justiça. Com esse sofrimento que o esporte feminino tem passado, com a sua experiência e de outros colegas Parlamentares também do meio do esporte, nós possamos ajudar essas mulheres.

Com a palavra o Deputado Goulart.

O SR. DEPUTADO GOULART - Sr. Presidente, quero cumprimentar a nossa Deputada Flávia Moraes pela iniciativa que teve em convocar esta audiência pública. Quero cumprimentar a Michael Jackson. Sempre fui um fã de futebol de uma maneira geral, mas em especial do futebol feminino. Tivemos até uma colega de



vocês, a Daniela Alves, que é lá do meu bairro. Quando foi campeã, eu fui buscá-la com meu trio elétrico. Foi uma festa danada. Eu concordo.

Não pude ouvir a fala do meu parceiro, meu amigo Marco Aurélio, colega Vereador por muitos anos em São Paulo, um dos mais brilhantes vereadores e uma das figuras que eu tinha uma vontade danada de dar umas porradas, porque ele é muito provocativo, muito inteligente. Ele é de um clube que eu não gosto muito de falar o nome, mas que sempre provocava meu time. Falava que nós não tínhamos passaporte carimbado e uma série de outras coisas. Nós conquistamos o mundo várias vezes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - - Está fazendo um desabafo, viu, Marco? Um desabafo dele.

O SR. DEPUTADO GOULART - O Marco, depois que eu passei a conhecê-lo e ao irmão...

O SR. MARCO AURELIO CUNHA - Foi só uma. A outra não fez *freeshop*.

O SR. DEPUTADO GOULART - Foi em 2000. Eu estava lá e assisti. Sou testemunha.

Mas, enfim, o Marco Aurélio, que acredito que ... Concordo muito com o que o Danrlei de Deus Hinterholz falou. Eu participo do maior clube do mundo. Você errou algumas vezes ao falar, porque falou que o time do Rio de Janeiro é o maior. O maior somos nós. Os corintianos torcem para um time. O cara que é da Bahia torce para o Bahia e para o Flamengo, para o Vitória e para o Flamengo.

O SR. DEPUTADO DANRLEI DE DEUS HINTERHOLZ - Eu não disse que era o maior. Eu falei que ele colocou ali a questão de valores financeiros. O maior de todos sabe qual é, não é? É o Tricolor, azul, preto e branco.

O SR. DEPUTADO GOULART - Mas então, pessoal, recentemente nós aprovamos a medida provisória do parcelamento da dívida dos clubes. Isso é um problema muito sério no futebol, alguns por má gestão, mas infelizmente temos uma série de custos. Hoje estamos com essa fala interessante do Marco, estamos discutindo a alteração da Lei Pelé.

Eu ouvi vários outros Deputados que aqui estão e compõem esta Comissão na Casa. Existem várias propostas e temos um problema muito sério. Estamos discutindo a questão de uma nova legislação trabalhista para o futebol, porque, do



jeito que está o clube não aguenta. Tem até já ação na Justiça pedindo adicional noturno! O cidadão treina 2 horas durante o dia e joga numa quarta-feira à noite ou na quinta-feira e quer adicional noturno. Eu estou falando muito do mundo do futebol masculino. Querem domingo remunerado...

Então, a coisa caminha para um lado que, se nós não tivermos a legislação específica, nós vamos sucumbir o futebol de uma maneira geral. É a paixão nacional, mas é muito importante o seguinte: hoje nós temos uma plêiade de esportistas aqui na Câmara, há tanto esportista que atuou dentro das quatro linhas como eu que embora seja conselheiro vitalício do Corinthians, sou da arquibancada. Sou o chamado bunda no cimento, sempre o torcedor. Quero doar muito do meu mandato, do meu trabalho ao futebol, ao esporte de uma maneira geral.

Hoje mesmo nós tivemos a oportunidade de aprovar algumas emendas na Comissão do Esporte, tanto eu quanto o Danrlei, enfim, todos os Deputados aqui. São emendas superimportantes para o desenvolvimento do esporte.

Eu confio muito... A Presidente da CBF foi brilhante ao convidar o Marco Aurélio Cunha para assumir essa função. O Marco Aurélio tem um papel fundamental no futebol. Infelizmente, os dirigentes não têm a mesma visão que ele tem. É o cúmulo um crítico como o Marco Aurélio Cunha... Passei a ser seu admirador. Ele realmente é uma pessoa diferenciada do mundo do esporte. Teve várias experiências internacionais, teve prestando serviços fantásticos ao outro adversário nosso, o Santos. No São Paulo, ele fez um trabalho fantástico. Nós temos que torcer para que o futebol dê oportunidade a essas pessoas. É muito importante ver aqui a Michael Jackson. Eu nem sabia que você estava no Ministério do Esporte.

Infelizmente, o Governo muitas vezes se distancia do Parlamento. Não é o seu caso, por exemplo, mas até hoje eu estava comentando como o Danrlei que eu tinha destinado uma emenda para o futebol para a Várzea. Temos na Várzea, que o Sr. Marco Aurélio Cunha conhece muito bem, as escolinhas de futebol masculino e de futebol feminino, no Grajaú, em Parelheiros, na cidade de Ademar, onde o filho chora e a mãe não vê. Muitas pessoas falam dos rincões onde eu nasci, onde nasceu o Deputado Danrlei de Deus Hinterholz, onde nasceu o Deputado Afonso Hamm. A periferia das grandes cidades sofre do mesmo mal, uma carência total, e



para mantermos essas escolinhas não tem nenhuma participação da Prefeitura. Tivemos, sim, com o então Deputado Walter Feldman, o clube-escola, que lamentavelmente foi aniquilado. Quem banca as escolinhas? Alguns abnegados pelo futebol, que somos nós, ou o dono da padaria, ou o dono do açougue, ou o dono do mercadinho...

Precisamos ter uma política... Não tenho a receita aqui, mas é muito importante aproveitarmos este momento, porque tem muitas pessoas envolvidas no esporte aqui, na Câmara dos Deputados, no Senado, para tentarmos um caminho. Estamos cheios de amor para dar, e que o futebol feminino possa ter realmente um caminho. Acredito muito no Marco Aurélio, achei que a sua fala foi superimportante, a fala do Deputado Danrlei de Deus Hinterholz. Temos um público diferenciado. Sou um dos fundadores da Gaviões da Fiel. Faz 46 anos que criamos a torcida. O nosso público... Quando o Corinthians às vezes joga o futebol de salão, estamos disputando a final, não tem jeito, levamos, mas o torcedor do futebol masculino é diferente, não sei ainda a receita. Quero poder enxergar, poder colaborar e tenho certeza que todos aqui têm o mesmo pensamento.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Deputado Goulart.

Com a palavra o Deputado Afonso Hamm.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Sr. Presidente, em primeiro lugar, quero cumprimentar a qualidade da nossa audiência pública, tratando sobre o futebol feminino. Esta é a quarta audiência pública. Estou no início do terceiro mandato, como Deputado Federal, e a quarta audiência pública já começamos a encontrar pessoas, como a Michael Jackson, que faz trabalho importante junto ao Ministério, passo a conhecer também o trabalho que está sendo feito pela CBF, o Professor Neco, conhecemos o trabalho de dedicação da Associação Gaúcha de Futebol Feminino, um esforço de longa data, estive em algumas oportunidades, fizemos esse acompanhamento, são referências ao menos nossas do Rio Grande do Sul, o Planela já teve a oportunidade até de dirigir a Seleção Brasileira Feminina, nós temos o Clube Pelotas, onde faz um trabalho e não se afastou lá no interior ao



longo de todo esse tempo, mas porque tem, como dizia o Ministro Pratini de Moraes, o quem, quem faz o quê? Quem lidera? Acho que essa é a diferença.

Sr. Presidente, Deputado Márcio Marinho, quero dizer porque a nossa Comissão, e este debate de hoje nos fez permanecer aqui, porque o Ministro da Fazenda, Levy, o assunto de maior interesse do País é a economia, está hoje lá, no plenário, e a nossa audiência teve presença desde o primeiro momento na dimensão das possibilidades de cada um, mas, com certeza, de muitos de nós, Parlamentares, Deputado Goulart, fizemos a nossa decisão de escolha de estarmos aqui. Quero, aliás, parabenizar o Presidente que nunca se afastou daqui, a Deputada Flávia, o Deputado Jose Stédile, que está presidindo agora a Frente Parlamentar. Acho que essa bandeira dos 5% sobre o patrocínio é importante, é uma fonte, tem que ter fonte, tem que buscar esses recursos, ou seja, dinheiro novo. A Deputada Flávia também trabalha muito esse tema do futebol feminino, inclusive hoje tivemos uma reunião, pela manhã, com alguns Parlamentares e vamos ter o fórum do futebol. Criamos aqui o Fórum Permanente do Futebol e estou na condição de Presidente da Subcomissão Permanente do Futebol, que é uma Subcomissão-eixo na nossa âncora, que é a nossa Comissão do Esporte. Fizemos um lançamento e criamos cinco Relatorias. Uma Relatoria trata da parte legislativa do futebol, foi transformada agora pelo Presidente da Câmara dos Deputados em uma Comissão Especial, que tem como Presidente o Deputado Andres Sanchez, que era o Relator da nossa Subcomissão do Futebol, e que passa a ter esse trabalho, no qual estamos todos engajados. Eu estou na Vice-Presidência. Temos mais o Deputado Rogério Marinho e outros Parlamentares atuando na questão legislativa, no que se refere aos avanços, que são necessários.

As entidades que estão aqui podem nos fazer as sugestões de iniciativa legislativa, que é necessária. Falou-se muito aqui na questão trabalhista, nessas relações que têm que ser clareadas e especificadas com responsabilidade, para dar tranquilidade ao longo do tempo.

Nós decidimos também uma relatoria que trata da base, da formação de atletas, e temos outra relatoria que trata da questão dos estádios e arenas. Arena é uma realidade, até, em muitos casos, elitizada, para muitos jogos, não para todos. Fala-se aí no ingresso popular, do acesso. Há que se buscar algum caminho,



porque, às vezes, você vê na televisão que o estádio está vazio ou com pouca gente. Está melhorando a presença, mas nós podemos melhorar ainda mais sob esse aspecto. Há também a questão da segurança do estádio, do entorno e todas as implicações que nós tratamos.

Temos algumas áreas que definimos. Nós já havíamos definido, alguns dias atrás, que o futebol feminino deveria ter uma relatoria. Então, foi uma decisão. Nós fizemos um convite à Deputada Flávia, para que ela, que vem liderando junto conosco, possa assumir. Poderia também ser outros Parlamentares, mas, até por ser uma mulher Parlamentar, quem sabe, juntamente com todos nós que estamos engajados na questão do futebol feminino, ela possa assumir essa relatoria. Fizemos o convite hoje.

Então, esta audiência pública rendeu também para criarmos mais esse espaço dentro do fórum do futebol e, no dia 24, já haverá um espaço para apresentarmos alguma coisa relacionada ao que se busca no futebol feminino. Ou seja, se temos lá cinco eixos do nosso fórum permanente do futebol, um deles passa a ser agora o futebol feminino.

Então, considero uma conquista. Nós já vínhamos conversando. E isso não é uma conversa apenas do nosso nome, que estamos presidindo, junto com o Lindberg, junto com vários membros aqui da Comissão, mas, na verdade, temos uma ampliação de participação para esse espaço, para o futebol feminino.

Eu concordo com algumas questões que o Deputado Danrlei colocou, mas eu imagino que os clubes, passando essa fase de reorganização, do ponto de vista estrutural e financeiro, com a medida provisória, e agora com a Lei 13.155, que trata basicamente das questões... E estava lá uma proposta do Governo de colocar um percentual. E eu não acho que seja impossível. Eu acho que é uma meta a ser buscada também, porque, uma vez estruturado o futebol, com planejamento dos clubes, os clubes profissionais têm que estimular o futebol feminino, sim. Agora, a gestão que deve que ser separada, mas a âncora...

Eu não imagino o futebol brasileiro com os clubes. Por quê? Qual é a paixão do futebol? Temos em Pelotas três clubes: o Farroupilha, o Pelotas e o Brasil de Pelotas, o Xavante, e tem aquela participação do torcedor. E isso existe em todo lugar do Brasil, tanto é que eu digo que o futebol está no DNA do brasileiro e da



brasileira, está no DNA de todos, está no DNA de uma criancinha que nasce dentro do contexto, do debate do futebol, está nos mais idosos e ninguém se desapaixona. O que motiva a torcer é o desempenho do clube, é o desempenho do time. Time que não entra em campo vai perdendo a força do seu torcedor.

O que está faltando ao futebol feminino? O suporte organizacional. E os resultados vêm. Já vieram em parte pela Seleção, e tem vindo, mas eles devem estar fortalecidos nos seus clubes, e não só clubes profissionais. Mas por que não trabalhar a questão do clube formador? O clube formador pode ser um clube formador de atletas jogadoras que vão ser profissionais do futebol feminino.

Estamos fazendo essa discussão inclusive dentro da Comissão e dentro da Subcomissão, em relação à questão da reformulação da Lei Pelé e o conceito do clube formador. Aí entra aquela questão da idade, que aqui foi também falado pelos nossos palestrantes. Eu não consegui acompanhar a fala de todos.

Mas a minha colaboração... Tivemos a experiência também, em algum momento, de presidir esta Comissão e, no meu caso, nunca saí mais desta Comissão. Eu cheguei ao Congresso por ser conhecido pelo trabalho na área agrícola, agropecuária, mas, chegando aqui, esta é a única Comissão que permaneci durante todo o tempo como membro titular. Fui Vice-Presidente em cinco gestões e Presidente em uma oportunidade. E lembrei aqui de quatro audiências públicas, uma inclusive em Pelotas, que fizemos na Câmara de Vereadores, e tive outras presenças.

Não quero me estender, mas eu acho que, *pari passu*, vamos estabelecendo conquistas. O Ministério tem uma diretriz e uma liderança para tratar o assunto, e vem tratando de longa data. Eu, como já estou aqui, venho acompanhando o trabalho que a Michel Jackson tem feito junto com sua equipe. O trabalho da CBF é um trabalho que se configura pelo momento que se fala da nova CBF, é o novo momento, uma bela oportunidade. Eu vejo que há esse esforço e há nova gestão. Imagino isso porque é a instituição âncora no âmbito do futebol.

As questões regionais se associam aos clubes e toda essa engrenagem deve ser desenvolvida. Em relação à nossa parte legislativa, precisamos da demanda e da clareza das providências de ordem legislativa necessárias. Às vezes, tem que amarrar alguma coisa, sim. Eu acho que o clube estrutura, mas o futebol feminino



tem espaço ali na frente, em breve. Saneados os clubes, deve-se colocar uma parte dos recursos.

Há dois níveis que têm que ser colocados: categoria de base e futebol feminino. São duas âncoras importantes para o futebol. E o futebol feminino, com sua autonomia, com os recursos, com essas iniciativas... Esta é a Casa das leis, se a lei é algo de importância, é a lei que pega, como se diz na linguagem popular. E se estamos fazendo algo, acho que uma coisa importante é associar. Quando se trata com crianças, na fase da adolescência, e vale para meninos e meninas, trabalha-se a questão da inclusão social, da inserção, da formação do caráter, da cidadania, de tudo isso que acreditamos muito.

Então, eu tive essa experiência nas categorias de base, desde os 14 anos de idade, lá no Grêmio Bagé, depois no Grêmio Esportivo Brasil. E isso tudo nos anima, de vermos, primeiro, um cumprimento a quem se dedica, há tanto tempo, com tamanha definição de prioridade, ultrapassando todas as dificuldades. Aqui também falou alguém do Gama, não me lembro do nome, acho que Célio. O Célio também falou de suas dificuldades.

Então, queria finalizar, dizendo que é uma bela audiência pública. Comentei algumas providências que estamos tomando e quero parabenizar. Acho que já temos um grande fórum de discussão para o futebol feminino, com a ampliação de mais alguns que não estão presentes. Já temos aqui uma base para estabelecer uma plataforma integrada, sem fazer a crítica pela crítica, porque é muito fácil fazer a crítica, é muito fácil criticar a Seleção, que tomou 7 x 1. Mas o que você está fazendo e o que você vem fazendo para a questão da reestruturação do futebol e o que cabe a cada um?

Acho que esse é o exercício. Então, felizmente, já temos várias pessoas com conhecimento de causa para contribuir, para estabelecer uma política junto com as entidades, com as competências, e criar as interações. Eu acho que a sociedade será sensibilizada, porque a televisão vira atrás. À medida que os resultados vão vindo e a motivação vai sendo feita, gradualmente vai crescer o futebol feminino, à medida que cresce o torcedor, que torce pelas suas atletas.

Então, eu levo muita fé. Trata-se de uma questão de crescimento. E eu acho que é um momento muito maduro, em relação ao País que passa por tamanhas



adversidades. Exatamente neste momento, uma política para o futebol feminino, com as competências aqui, eu tenho certeza que o Congresso, que a Câmara Federal, principalmente esta Comissão, tem condições de contribuir, sendo interlocutor dos anseios daqueles que conhecem o futebol feminino.

Era isso.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Deputado Afonso Hamm.

Concedo a palavra ao Deputado Fábio Mitidieri.

O SR. DEPUTADO FÁBIO MITIDIERI - Sr. Presidente, saúdo a Mesa, em nome da Deputada Flávia, parabenizando-o já pela audiência pública e também parabenizo a nossa campeã, a amiga Michel Jackson, que foi uma grande atleta.

Eu, Michel Jackson, além de um fã do futebol feminino, sou fã de sua geração. Eu acompanhava, e sempre conversamos sobre isso, a Roseli, a Sissi e você, sempre naquele time, e aí vemos o lapso que houve entre uma geração e outra, porque estamos numa grande geração hoje também. Está aqui também a Bruna, para comprovar isso, com a Marta, com a Cristiane. Mas nós tivemos um lapso entre uma geração e outra.

O Deputado Danrlei disse há pouco que gostaria de assistir a mais jogos da Seleção Brasileira Feminina na TV. E, na nossa época, nós acompanhávamos o futebol feminino. A *TV Bandeirantes* sempre transmitia os jogos. E, de repente, o futebol feminino saiu da mídia.

Eu não vi todas as apresentações. Mas tendo como referência o que nós já fizemos em outras audiências públicas, eu queria dar algumas opiniões. Primeiro, eu concordo com o Deputado Danrlei quando ele diz que é preciso pensar o futebol feminino de forma diferente. Podem ser os mesmos clubes. Tem que haver é uma gestão diferente, uma estratégia diferente e um *marketing* também diferente para o futebol feminino, porque é preciso alcançar outro público.

Não adianta esperar que o brasileiro — que está acostumado a ver seu clube em campo, no meu caso o Botafogo, a assistir a jogos do futebol masculino — de uma hora para hora se interesse pelo futebol feminino.



Há outra mentalidade de fazer isso. Um bom comparativo é os Estados Unidos. O futebol feminino nos Estados Unidos é fortíssimo. Lá, o investimento no futebol feminino é fortíssimo. E o *marketing* do futebol feminino nos Estados Unidos é diferente do nosso. Até os possíveis patrocinadores muitas vezes são diferentes, porque o público a ser alcançado é outro. Não adianta querer achar que eu vou mudar o canal que está transmitindo jogo do Botafogo para assistir a um jogo de futebol feminino. Isso não vai funcionar.

Outra coisa que temos que repensar é o fato de a seleção brasileira ser fixa, permanente. Eu entendo que isso resolve um problema do momento. É um paliativo. Não é uma solução permanente. Com isso, você fecha o grupo e não gera investimentos nos clubes. E, conseqüentemente, não gera novos craques. Você inibe a formação de novos atletas. Porque eu não vejo como elas vão jogar e onde, se há apenas uma seleção permanente.

Eu acho que esse modelo, Marco Aurélio, resolve um problema do momento. Mas, pensando a médio e longo prazo, nós temos que buscar alternativas de o futebol feminino ser viável. Não dá para nós chegarmos ao clube e dizermos: “*Se sobrar um trocado, nós fazemos um time feminino para fazer uma média, alguma coisa assim*”. Não é por aí.

Esse é um esporte que tem um público crescente no mundo todo. Os Estados Unidos já demonstrou que o futebol feminino é lucrativo. Mas o Brasil ainda não descobriu como fazer dinheiro com ele. No fundo, no fundo, todo esporte é também um negócio. Para o clube, para o investidor, para o patrocinador, é negócio. E ainda não se descobriu como fazer do futebol feminino um bom produto, para que as atletas possam receber mais.

Seria um sonho querer que elas ganhassem o que os jogadores do futebol masculino ganham. Mas poderiam, pelo menos, ter um salário melhor. Apesar disso, eu estava comentando — você sabe disso melhor do que eu, Marco Aurélio — que 90% dos jogadores de futebol masculino ganham um salário mínimo. O Neymar é um sonho! Os dados que nos foram passados em outras audiências públicas demonstram isso.

Os jogadores dos campeonatos brasileiros da Série A, B e C têm uma remuneração diferenciada. Mas o universo de atletas que participam dessas séries é



muito pequeno em comparação com o todo. Considerando o total de atletas, a realidade é diferente, ainda mais no futebol feminino.

Então, nós temos que buscar investimentos. A CBF tem, no meu entendimento, tentado resgatar o que foi o futebol feminino na geração de Michael Jackson. E eu espero que a CBF possa destinar mais investimentos, criar uma diretoria própria para isso. Eu sei que isso já existe. Mas espero que esse investimento seja crescente, para que o futebol feminino tenha no Brasil a visibilidade que tem em outros países. Como é possível o brasileiro não gostar de futebol feminino? Ele gosta de futebol. Se o jogo de futebol feminino for bom, se for um produto bem vendido, eu vou assistir a ele.

Nas lutas marciais, outro esporte mais masculino ainda, as mulheres são um sucesso! Quem ia querer assistir a lutas de mulheres no UFC? É um sucesso! Hoje, o maior cachê do UFC é feminino, é a Ronda, por incrível que pareça! O produto foi bem vendido. Buscou o seu público e hoje está lá, a ponto de o homem também assistir a lutas femininas. Por que no futebol, que já é uma paixão do brasileiro, isso não pode acontecer?

Então, fica aqui a nossa participação. Não quero me alongar mais, porque acho que aqui tudo já foi dito. Agradeço a oportunidade de estar mais uma vez nesta Comissão. E parabênizo a Flávia.

Também queria citar a presença da nossa campeã de futevôlei. Quantas vezes? Nove?

(Não identificado) - Nove.

O SR. DEPUTADO FÁBIO MITIDIERI - Nove vezes a melhor do mundo?

(Não identificado) - *(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. DEPUTADO FÁBIO MITIDIERI - Estão vendo? Nove vezes. Precisamos também investir um pouco no Futevôlei. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Deputado Fábio.

A Mariana Chaves, do Museu do Futebol, deixou-nos a seguinte mensagem: *“Como museu, nós apoiamos os locais onde há discussões sobre a modalidade, e foi o que procuramos fazer no nosso espaço”*. E ela faz o convite: *“Convidamos todos e todas para conhecer a exposição ‘Visibilidade para o Futebol Feminino’. A exposição mostra a participação das mulheres no esporte desde muito tempo. As*



peças não conhecem essa história. Nosso papel foi mostrar ao público que mulher joga futebol sim". E deixa aqui o endereço futebofeminino.museudofutebol.org.br/ para nós acessarmos.

Nós vamos agora passar às perguntas, Dr. Marco...

O SR. DEPUTADO GOULART - Pela ordem, Sr. Presidente. As meninas que estão aqui são do Museu do Futebol de São Paulo?

O SR. MARCO AURELIO CUNHA - (*Intervenção fora do microfone. Inaudível.*)

O SR. DEPUTADO GOULART - Só para dizer que eu sou o autor da lei que criou o museu. Embora não tenha ganhado a paternidade, eu sou o autor da lei que criou o Museu do Futebol.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Parabéns, Deputado.

Estou transmitindo as perguntas dos internautas.

O Osmar faz para o Marco Aurélio e para a Michael Jackson a seguinte pergunta: "*Sabemos que as futebolistas brasileiras exercem sua atividade de forma precária em relação aos vínculos trabalhistas. Por conta disso, muitas se sentem pressionadas a abandonar suas ambições profissionais para se dedicarem a alguma ocupação que supostamente lhes trará alguma sustentabilidade financeira e segurança jurídica. Assim, é preciso colocar em pauta a necessidade de fazer cumprir a legislação esportiva do País, a Lei Pelé, que prevê a obrigatoriedade de profissionalização de atletas de futebol que cumprem com determinadas obrigações, no caso, treinamentos, jogos, repouso funcional, etc. Você não acha que argumentos como 'tal expediente poderá onerar ainda mais os clubes já com suas finanças fragilizadas' precisam ser superados em prol de uma política afirmativa de equidade de gênero nos esportes?*"

Essa pergunta é para a Michael Jackson e também para o Dr. Marco Aurélio.

O SR. DEPUTADO GOULART - O Dr. Osmar já foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - O Osmar é quem faz a pergunta.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - O grande amigo. O saudoso. É que ele e eu éramos quase uma coisa só no tempo que nós trabalhávamos.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Deixa só eu adiantar aqui, Marco — não esqueça essas perguntas —, para que possamos fazer a rodada. Temos outras perguntas. Vamos adiantar.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Bom, eu não entendi. Equidade de quê? De salário, ela quer dizer?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Acredito que seja equidade de gênero nos esportes. Deve ser em relação ao salário.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Então, vamos lá.

Em relação ao salário, é evidente, cada modalidade, cada situação tem o seu valor comercial. Quem paga o salário de uma atleta, do interesse de uma atleta, de uma Ronda, ou de jogadora de vôlei ou de basquete, é aquilo que ela reproduz em termos de rendimento e obviamente em termos de repercussão.

A repercussão é que cria o mercado, dando a cada atleta o seu valor. O Neymar tem mais repercussão, ele ganha um dos maiores salários do mundo dentre os esportistas, um jogador da Série C tem menos repercussão, ele ganha menos. Isso vale independente do gênero. E, obviamente, o futebol feminino ainda está no embrião de uma formação profissional.

A regulamentação do atleta pode ser profissional ou amadora. O futebol feminino ainda é um futebol amador tentando se profissionalizar. Então esta é a grande dificuldade: ter recursos, ter incentivos de clubes, incentivos, eventualmente, até da esfera pública, para que nós possamos fazer disso uma carreira. Alguns clubes já fazem isso, outros não. Se nós obrigarmos a todos que façam, acabará o futebol feminino. Ele se tornará insustentável.

Toda situação profissional quando começa, toda modalidade que se inicia passa por algo informal, até nós conseguirmos, por maturidade, fazê-la formal e regrada, conforme se deva, em relação às leis trabalhistas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - A Michael Jackson quer falar?

O SR. DEPUTADO JOSE STÉDILE - Sr. Presidente, Sr. Presidente,...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Pois não.

O SR. DEPUTADO JOSE STÉDILE - Só quero pedir desculpas, porque a bancada do Rio Grande do Sul está decidindo, neste momento, as emendas para o



Estado, e se eu não estiver presente serei acusado de não estar lá para defender interesses. Então sou obrigado a sair, mas eu queria antes agradecer a sua atenção, em especial a da Flávia também que abriu a possibilidade e convidar a todos a participar conosco desse trabalho. Ninguém é mais que ninguém na Frente Parlamentar em Defesa do Futebol Feminino. Vamos nos reunir. Agradeço também o Marcos e o Neco que representaram meu Estado. Obrigado pela presença. Peço desculpas, mas tenho que me ausentar.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Em nome da Coordenação do Futebol Feminino, eu gostaria de agradecê-lo pelo seu interesse e de incentivar sua atuação.

Muito obrigado, Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSE STÉDILE - Eu que agradeço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Deputado Jose Stédile, por sua participação até agora na nossa Comissão.

Nós temos aqui mais algumas perguntas. O Egídio, de Teresina, pergunta ao Carlos Alberto o seguinte: *“Você afirmou que devemos respeitar as diferenças de sexo na organização do futebol. Como as juízas poderão apitar jogos masculinos se têm capacidade física diferente? Quantas juízas apitam atualmente no futebol profissional?”*

Deixe-me passar outra pergunta também do Egídio, para o Marco Aurélio.

O Egídio, de Teresina, faz ao Marco Aurélio a seguinte pergunta: *“Não ficou clara a sua posição sobre a questão estética no futebol feminino. Já temos problemas demais com isso em outros domínios da sociedade”*.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Ficou claro, sim. Ficou bem claro, Egídio. O que eu falei, e que as pessoas fizeram repercutir como quiseram e inverdades, foi que — aliás, é a fala do Deputado Danrlei — o futebol feminino precisa ter sua própria fisionomia, que ele não pode ser mais o resto, a sobra, do futebol masculino, que as moças hoje têm o seu próprio estilo, uniforme apropriado ao futebol feminino, um desenho desenvolvido para elas, que as tornam mais elegantes, um produto muito mais verdadeiro para o futebol feminino e mais bem visto. As meninas estão se tornando realmente um produto melhor do que aquilo que era sobra do masculino.



Isso foi mal interpretado, alguém por má fé falou que era “sexismos”. E eu vou dizer que quem falou isso foi uma repórter que absolutamente traduziu a verdade. A verdade é que hoje o futebol feminino é um produto próprio, que tem a sua fisionomia, elegante, bonito. Foi isso o que eu disse.

Para quem quer entender mal, pouco me importa.

(Não identificado) - *(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Só um minutinho, Sr. Carlos.

A Camilla Orlando, presidente do Capital Feminina do futebol aqui de Brasília, queria fazer uma pergunta.

A SRA. CAMILLA ORLANDO - Isso mesmo.

Eu tive a experiência de jogar nos Estados Unidos. Fui uma estudante atleta e tive a oportunidade de viver exatamente o que ele falou sobre “uma nova opção para o futebol feminino”, então queria deixar o pedido para a Câmara dos Deputados, o Ministério do Esporte e para a CBF trabalharem em cima de uma lei federal norte-americana chamada Title IX, que realmente proporcionou o *boom* do esporte feminino. A lei não é focada no esporte, mas na igualdade de gênero.

Eu acho que o futebol feminino vai um pouco além das dificuldades do futebol em si. Conforme o Marco Aurélio ressaltou, há a questão da nossa cultura com o machismo enraizado, o que ainda precisa ser quebrado. Portanto, acho que com a Title IX e o apoio da Câmara dos Deputados, através da criação de uma lei, realmente teríamos um grande incentivo.

Também queria saber como a CBF vê a possibilidade de uma parceria com o esporte universitário como um caminho de maiores oportunidades para o futebol feminino, criando espaço para muitas jogadoras, não se limitando somente a clubes, como acontece nos Estados Unidos. Ali, eles dão oportunidades para todos e fazem do esporte universitário a categoria de base, permitido aos atletas acesso às instalações das universidades, campo, academia, e até mesmo aos profissionais.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - O modelo de universidade americana, canadense e até japonesa é de aproveitar e dar oportunidade, ter espaços para a atividade física. Lamentavelmente, no Brasil, poucas escolas — talvez as mais importantes do País, em termos de qualidade de ensino — têm no *campus*



universitário uma parte dedicada ao esporte. Eu acho que isso também a Câmara deveria observar, ou seja, a obrigatoriedade, nessa profusão de cursos autorizados pelo MEC, de uma área para a atividade física.

Recentemente, juntamente com o Fabrício, nosso coordenador técnico, fizemos uma visita para observar um campeonato universitário. Estivemos também em Maceió, onde fizemos observação e captação de atletas. Nada pode escapar. O esporte universitário é muito importante. Ocorre que o esporte universitário surge, quase sempre, após os 18 anos, e se essas meninas não começaram a jogar, elas ficam muito defasadas no nível técnico internacional e até nacional. Nós temos atletas que foram para os Estados Unidos para cursar a universidade. Por exemplo, a Rafaelle é engenheira civil, nasceu em Cipó, na Bahia, passou nas provas da Universidade Federal da Bahia e graduou-se engenheira civil no Mississipi. Tenho muito orgulho dela.

Isso nós queremos fazer, sim. Inclusive, seria interessante que quem jogasse futebol feminino pudesse ter bolsa, com apoio do Ministério do Esporte e do Ministério da Educação, nas universidades brasileiras. Essa seria outra janela de oportunidades dentro disso que você está propondo. Nós não fechamos esse canal de observação.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Obrigada.

Vamos passar a palavra para o Carlos, para que ele responda à pergunta.

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA - Respondendo ao Egídio, na verdade, você deve melhorar a sua visão sobre a mulher. O que faz compreender por que as mulheres não apitam futebol masculino é justamente essa visão que o homem tem de que elas não são capazes. Isso está caindo; já ultrapassamos essa situação de achar que apenas os homens devem apitar jogos masculinos.

Em outra oportunidade, quando o Ministro dos Esportes era o Orlando Silva, e o Luciano do Valle, da *Rede Bandeirantes*, era vivo, ele esteve em Porto Alegre para conhecer o nosso trabalho com a Associação. Ele me apresentou ao Orlando e eu acabei vindo a uma reunião, em Brasília, com os Secretários de Esportes Estaduais, para passar essa ideia de que os Estados poderiam auxiliar. Falamos também sobre essa questão de arbitragem. Se eu não me engano, o Secretário de São Paulo, cujo nome eu não me lembro, perguntou assim: “*Por que tu achas que árbitro, para apitar*



futebol feminino, tem que fazer outro curso?" É claro que a pergunta dele era técnica, mas nós estávamos, na verdade, conduzindo a ação justamente nesse sentido de respeito à mulher. E eu respondi para ele o seguinte, que, naquela ocasião, a Ana Paula tinha posado para umas fotos para a *Playboy* e na outra semana já havia sido suspensa. Não foi muito diferente daquela outra mulher que levantou a bandeira, cometeu um erro de impedimento e também foi suspensa. Naquela época, o Vampeta era da Seleção Brasileira e posou nu para uma revista feminina, e acho até que ele recebeu aumento.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Revista feminina, não.

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA - Vamos deixar por aí, né?

(Risos.)

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA - Nós temos que nos desvencilhar do preconceito. Existem, sim, mulheres muito competentes; está faltando espaço apropriado para que elas busquem as suas conquistas.

Quantas juízas apitam atualmente? Sinceramente, esta era uma pergunta que se fazia ao Presidente do Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado do Rio Grande do Sul. Ele disse que existem mais de 50 mulheres habilitadas apitando futebol. O problema é que nem sempre o jogo é transmitido e nem sempre ela é favorecida, dependendo do tipo de jogo. Mas na Copa do Brasil de Futebol Feminino, a maior parte da arbitragem é de mulheres.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Inclusive, será feito concurso para árbitras.

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA - Deputado, apenas concluindo, cada País tem o seu modelo. Os Estados Unidos servem para nós como modelo de política de Estado, porque existe essa condição de desenvolvimento lá; na China já é um pouco diferente; na Alemanha também é um pouco diferente.

Eu acho que nós estamos tendo uma oportunidade, Marco Aurélio — considerando tudo o que foi exposto aqui por pessoas que atuam diretamente na base, por quem pretende fazer gestão disso — de se propor para este Brasil, Deputada, uma alternativa para que achemos o nosso modelo. Nós temos isso de sobra. Acredito que, através da Frente, iremos conseguir.

Era isso.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Excelente!

Quero agradecer a todos os que compareceram a esta tão importante audiência pública. Eu acredito que essa luta de vocês é que pode nos mostrar uma luz no fim do túnel, essa luta dessas pessoas que são apaixonadas por essa causa, que muitas vezes é inglória. Com certeza, com essa luta, somando esforços aqui com o Congresso, nós vamos avançar.

Hoje nós tivemos a notícia do projeto da Frente Parlamentar, da Comissão Permanente, que abriu um espaço para se falar do futebol feminino. Tudo isso é importante. A participação de vocês em todos esses espaços é muito importante. Eu quero colocar esta Comissão à disposição através do Deputado Márcio Marinho, da Frente, de todos esses espaços, para que vocês encaminhem sugestões para que possamos atuar dentro da nossa competência, no sentido de ajudar a fortalecer o futebol.

Então, agradeço muito a todos pela presença.

Nada mais havendo a tratar, encerros os trabalhos, convocando os Srs. Parlamentares para a reunião de audiência pública destinada a debater a preparação da delegação dos atletas para as Olimpíadas de 2016 com as Confederações Brasileiras de Futebol, Basquetebol e Voleibol, a ser realizada amanhã, dia 15 de outubro, às 9h30min, no Auditório Freitas Nobre, Anexo IV da Câmara dos Deputados.

Muito obrigada a todos.